

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. n. 5 e 6, p. 25-36, mai.-dez. 1997.

AFONSO, Maria Lúcia M. **A polêmica sobre adolescência e sexualidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpo e de gênero. **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, v. 21, p. 281-315, 2003.

_____. Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero. **Motus Corporis**. Rio de Janeiro: , v.9, n.1, p.9 - 20, 2002.

_____. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, UFSC: , v.9, n.2, p.575 - 585, 2001.

_____. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: v.24, n.2, p.157 - 174, 1999.

_____. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG.

AMBIENTE EM REDE, Informativo do Projeto Educação Ambiental e Saúde. A. 2, n. 3, Rio de Janeiro: SME, jul./ago., 2002.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. Tendências atuais da pesquisa na escola. **Cadernos CEDES**, a XVIII, n. 43, p. 46-57, dez. 1997.

_____. **A etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995. 130 p. (Série Prática Pedagógica).

AQUINO, Estela, HEILBORN, Maria Luiza, KNAUTH, Daniela, BOZON, Michel, ALMEIDA, Maria da Conceição, ARAÚJO, Jenny e MENEZES, Greice. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. In: **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro: ENSP, v. 19, s. 2, p. S377-S388, 2003.

BAJOS, Nathalie e FERRAND, Michèle. (Org.) **De la contraception à l'avortement**. Sociologie des grossesses non prévues. Paris: Inserm, 2002.

BAJOS, Nathalie, FERRAND, Michèle e HASSAUN, Danielle. Au risque de l'échec: la contraception au quotidien. In: BAJOS, Nathalie e FERRAND, Michèle. (Org.) **De la contraception à l'avortement**. Sociologie des grossesses non prévues. Paris: Inserm, 2002, p. 33-78.

BARROS, Carlos. **O corpo humano**. 7ª série. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

BÉJIN, André. O poder dos sexólogos e a democracia sexual. In: ARIÉS, Philippe e BÉJIN, André. (Orgs.) **Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 237-254.

BERQUÓ, Elza e CAVENAGHI, Suzana. Mapeamento sócio-econômico e demográfico dos regimes de fecundidade no Brasil e sua variação entre 1991 e 2000. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP. **Anais eletrônicos**. Caxambu, MG, 2004. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_471.pdf Acesso em 25.09.04.

BERTANI, Mauro. Sur la généalogie du bio-pouvoir. In: ZANCARINI, J. (Org.) **Lectures de Michel Foucault**. Paris: 2001, p.15-36.

BONATO, Nailda. M. da C. **Educação [sexual] e sexualidade: o velado e o aparente**. Rio de Janeiro: UERJ, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. UERJ. Disponível em: <http://www.geocities.com/Athens/Ithaca/9565/tese/indicee.html> Acesso em: 15.03.02

BOURDIEU, Pierre **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160 p.

BOZON, Michel. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência a experiências íntimas. In: HEILBORN, M. L. (Org.) **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 119-153. (Coleção Família, geração e cultura)

_____ e HEILBORN, Maria Luíza. As carícias e as palavras. Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris. **Novos estudos CEBRAP**. n. 59, p. 111-135, mar. 2001.

BRANDÃO, Elaine R. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, M. L. (Org.) **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 63-86. (Coleção Família, geração e cultura)

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL (Lei de diretrizes e bases da educação nacional). **Lei de diretrizes e bases da educação nacional: nova LDB**. (Lei nº. 9.394) Rio de Janeiro: Qualitymark/DUNYA Ed., 1998.

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

CABRAL, Cristiane da Silva. **Novos pais, jovens pais: vicissitudes da paternidade entre jovens de uma comunidade favelada do município do Rio de Janeiro**. 2002. (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CALAZANS, Gabriela. Cultura adolescente e saúde: perspectivas para a investigação. In: OLIVEIRA (Org.) Maria Coleta. **Cultura, adolescência e saúde**: Argentina, Brasil e México. Campinas: CEDES, COLMEX, NEPO, 2000. p. 44-97.

CARVALHO, Marília P. de. Mau aluno, boa aluna?: como as professoras avaliam meninos e meninas. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, novembro de 2001, p.554-574.

CARVALHO, Marta. **Molde nacional e forma física**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista – SP, EDUSF, 1998.

CASTRO, Mary G., ABRAMOVAY, Míriam e SILVA, Lorena B. da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO, Mec, Coordenação Nacional de SDT/Aids, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Instituto Airton Senna, 2004.

CÉSAR, SEZAR e BEDAQUE, **Ciências** – entendendo a natureza. O homem no ambiente. Livro do professor. São Paulo: Saraiva, 1997.

CONNEL, Robert. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206. jul./dez., 1995.

COSTA, Terezinha. **Histórias que merecem ser ouvidas e contadas: uma abordagem da gravidez em adolescentes de 10 a 14 anos**. 2001. (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CRUZ, Daniel. **Ciências & educação ambiental**. O corpo humano. São Paulo: Ática, 1998.

CUNHA, Marcus Vinícius da. A escola contra a família. In: LOPES, E. M. T., FARIA FILHO, L. M. e VEIGA, C. G. (Org.) **500 anos de educação no Brasil**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 608 p. (Coleção Historial, 6) ISBN 85-86583-61-8.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: o futebol de espetáculo em perspectiva etnográfica a partir da formação/produção de atletas profissionais no sul do Brasil, 2005. (Doutorado em Antropologia) Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DAUSTER, Tania. “Bolsistas e elite”: tensão e mediação na construção diferencial de identidades do estudante universitário. **Anais da 23ª Reunião Anual da Associação Brasileira de Antropologia**. Gramado, RS, 2002.

_____. Representações sociais e educação. In: *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. ENDIPE, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Um outro olhar: entre a antropologia e a educação. **Cadernos Cedes**. a. XVIII, n. 43, p. 38-45, dez. 1997.

_____. Relativização e Educação – usos da antropologia na Educação. Trabalho apresentado no XIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1989.

DIMENSTEIN, G. Criança é mãe. **Folha de São Paulo**, 12 maio 2002. Cotidiano, Caderno C, p. 6.

DURAND, Sandrine. Accès à la contraception et recours à l'IVG chez les jeunes femmes. In: BAJOS, Nathalie e FERRAND, Michèle. (Org.) **De la contraception à l'avortement**. Sociologie des grossesses non prévues. Paris: Inserm, 2002, p. 249-302.

FELIPE, Jane. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. MEYER, D. (Org.) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 111-124.

FERRARI, Anderson. “Esses alunos desumanos”: a construção das identidades homossexuais na escola. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 28, v. 1, p. 87-111, jan/jul, 2003.

FIRDION, Jean-Marie e LAURENT, Raphael. Effets du sexe de le enquêteur. Une enquête sur la sexualité et le sida. In: BAJOS, Nathalie et al. (Dir.) **La sexualité aux temps du sida**. Paris: Press Universitaires de France, 1998. p. 117-149.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1**. A vontade de saber. 12 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1995. 295 p.

_____. La politique de la santé au XVIII^e siècle. In: **Dits et écrits**. 1954-1988. Paris: Gallimard, 1994. p. 13-27.

FRAGA, Alex B. **Corpo, identidade e bom-mocismo**. Cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira. L., NECKEL, Jane. F., GOELLNER, Silvana. V. (Org.), **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 66-81. ISBN 85-326.2914-8.

GALLAND, Olivier. Adolescence, post-adolescence, jeunesse: retour sur quelques interprétations. In: **Revue française de sociologie**. Paris, n. 42, v. 4, p. 611-640, oct.-dez., 2001.

_____. **Sociologie de la jeunesse**. 3 ed. Paris: Armand Colin, 1997. 248 p.

_____. **Les jeunes**. 5 ed. Paris: La Découverte, 1996.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

_____. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Ed., 1989. 323 p.

GLOBO REPORTER. Editora-chefe: S. Sayão. Chefe de redação: C. Piasentini e M. Cunha. Chefe de produção: V. V. de Castro. Rio de Janeiro: Central Globo de Produções, 19 mar. 2004. Programa de televisão (60 min.), som., color.

GONDRA, José G. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial**. V. 1 e 2. 2000, 475 f. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo.

GROPPA AQUINO, J. (Org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na escola: mito e realidade**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. A antropologia e a educação: origens de um diálogo. **Caderno Cedes**. A. XVIII, n. 43, p. 8-25, dez. 1997.

HEILBORN, Maria Luíza, SALEM, Tânia, ROHDEN, Fabíola, BRANDÃO, Elaine, KNAUTH, Daniela, VÍCTORIA, Ceres, AQUINO, Estela, McCALLUM, Cecília e BOZON, Michel. Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 8, n.17, p. 13-44, jun. 2002.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE, Censo Demográfico 1980-2000. **Tabela 2 - Taxas específicas de fecundidade, segundo as Grandes Regiões e grupos de idade das mulheres - 1980/2000**, 2002a. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 02.09.02.

IBGE, Censo Demográfico 1940-2000. **Tabela 1 - Taxas de fecundidade total, segundo as Grandes Regiões - 1940/2000**, 2002b. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 02.09.02.

LACERDA, Marisa A. Adolescentes falando “daquilo”: um estudo qualitativo das fontes de informação sobre sexualidade e saúde reprodutiva em duas escolas municipais de Betim, MG. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP. **Anais eletrônicos**. Caxambu, MG, 2004. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_799.pdf Acesso em 25.09.04.

LAGRANGE, H, LHOMOND, B. (Org.) **L'entrée dans la sexualité**. Paris: La Découverte, 1997.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando do sexo**. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LE VAN, Charlotte. **Les grossesses à l'adolescence: normes sociales, réalités vécues**. Paris: Harmattan, 1998.

LOPES, João Teixeira. Estratégias de pesquisa – a abordagem multifacetada de um terreno pretensamente familiar. In: **Tristes Escolas**, práticas culturais no espaço escolar urbano. Porto, Portugal: Ed. Afrontamento, 1997. p. 81-95.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96 p.

_____. **Gênero, sexualidade e educação** – uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta. et al. (Org.) **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 7-18.

MAILLOCHON, Florence. Entrée dans la sexualité, sociabilité et identité sexuée. In: LEMEL, Yannick e ROUDET, Bernard. (Coord.) **Filles et garçons jusqu'à l'adolescence: socialisation différentielles**. Paris: L'Harmattan, 1999, p. 269-301.

MALINOWSKI, Bronislaw. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: **Os pensadores**. Abril Cultural, 1978.

MARTIN, Emily. Science and the construction of gender bodies". In: LASLETT, Barbara. **Gender and scientific authority**. Chicago, University of Chicago, 1996.

MARRY, Catherine. Filles et garçons à l'école: du discours muet aux controverses des années 1990. In: LAUFFER, Jacqueline, MARRY, Catherine e MARUANI, Margaret (Dir.) **Masculin-feminin: questions pour les sciences de l'homme**. Paris: PUF, 2001, p. 25-41.

MEYER, Dagmar. (Org.) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MONTEIRO, Simone. **Qual prevenção?** Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002. 148 p.

OLIVEIRA, Dora L. de, Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico? In: MEYER, Dagmar (Org.) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 97-110.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, Paralelo 15, 1998.

PAIVA, Vera. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e sujeito sexual. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina M. (Orgs.) **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996. p. 213-234.

PINTO, Teresinha e TELLES, Isabel da Silva (Orgs.) **Aids e a escola: reflexões e propostas do Educaids**. 2 ed. São Paulo: Cortez, Recife: Unicef, 2000.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos. **Pós-graduação PUC-Rio: normas para apresentação de tese e dissertações**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001. 80 p.

RIETH, Flávia. Ficar e namorar. In: BRUSCHINI, Cristina e HOLLANDA, Heloísa B. de. (Org.) **Horizontes Plurais**. Novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: Fundação Carlos Chagas e Ed. 34, 1998. p. 111-134.

RIBEIRO, Paulo R. M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

RIO DE JANEIRO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Projeto Educação Ambiental e Saúde. Programa de Orientação Sexual e Prevenção ao Uso Indevido de Drogas, **Prevenção na escola: uma construção coletiva**. Rio de Janeiro, 2001. 60 f.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2001.

ROSISTOLATO, Rodrigo P. da R. **Sexualidade e escola: uma análise de implantação de políticas públicas de orientação sexual**. 2003. 193 f. (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RUA, Maria das Graças e ABRAMOVAY, Miriam. **Avaliação das ações de prevenção às DST/AIDS e uso indevido de drogas nas escolas de ensino fundamental e médio em capitais brasileiras**. Brasília: UNESCO, Ministério da Saúde, Grupo Temático UNAIDS, UNDCP, 2001. 256 p.

RUFFIOT, André (Dir.) **L'éducation sexuelle au temps du Sida**. Toulouse, França: Privat, 1992.

SALEM, Tania. “Homem... já viu, né?”: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, Maria Luíza (Org.) **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 119-153. (Coleção Família, geração e cultura)

SCHALL, Virgínia T., MONTEIRO, Simone, REBELLO, Sandra M. *et al.* Avaliação do Jogo ZIG-ZAIDS - um recurso lúdico-educativo para informação e prevenção da AIDS entre pré-adolescentes. **Cadernos de Saúde Pública**, 1999, vol.15 supl.2, p.107-119. ISSN 0102-311X.

SCHERING. **¿Quién dice que no existe un anticonceptivo oral con una excelente tolerancia y beneficios adicionales?** Santiago do Chile, 2004a.

_____. **Alta eficacia anticonceptiva para a mujer joven**, Santiago do Chile, 2004b.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. Jul./dez., 1995.

_____. Prefácio a “Gender and politics of history”. **Cadernos Pagu** – Desacordos, desamores e diferenças. Campinas: UNICAMP, v. 3, p. 11-27, 1994.

_____. Deconstructing equality versus difference: or the uses of poststructuralist theory for feminism. **Feminist Studies**. v. 14 n. 1, p. 33-49, 1988.

SILVA, Carmem A. D. da, et al. Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. **Cadernos de Pesquisa**, n. 107, p. 207-225, julho/1999.

SILVA, Ricardo de Castro. **Orientação sexual: possibilidades de mudança na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

SILVA, Sheila Pinto da. **A relação amorosa no cotidiano do adolescente: fagmentos e tramas de sedução**. 2001. (Mestrado em Educação) UNICAMP, Campinas.

SCHUCH, Patrice. **Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o “ficar” entre jovens universitários de Porto Alegre**. 1998. (Mestrado em Antropologia Social) UFRGS, Porto Alegre.

STEPHANOU, Maria. Governar ensinando a governar-se: discurso médico e educação. In: FARIA FILHO, Luciano (Org.) **Pesquisas em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes**. Belo Horizonte: HG Edições, 1999.

_____. Práticas educativas da medicina social: os médicos se fazem educadores. **História da Educação**. Pelotas: UFPel/ASPHE, v. 1, n. 2, p. 145-168, set. 1997.

VALENTE, Ana Lúcia. Por uma antropologia de alcance universal. **Cadernos CEDES**, a. XVIII, n. 43, p. 58-74, dez. 1997.

VARELLA, Dráuzio. O silêncio diante da explosão demográfica. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 dez. 2002. Ilustrada, Caderno E, p. 12.

_____. Gravidez indesejada e violência urbana. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 set. 2004. Ilustrada, Caderno E, p. 8.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

_____. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____.e KUSCHNIR, Karina (Org.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano Ed., 2001. 343 p.

VIDAL, Fernando. Onanism, enlightenment medicine, and the immanent justice of nature. In: DASTON, Lorraine e VIDAL, Fernando. (Ed.) **The moral authority of nature**. Chicago: The University of Chicago Press, 2004, p. 254-281.

VIEIRA, E. M. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002.

VIGARELLO, Georges. **Histoire des pratiques de santé**. Le sai net lê malsain depuis le Moyen Age. Paris: Ed. Du Seuil, 1999. 396 p. (ISBN 2-02-020113-5)

_____. L'éducation pour la santé. Une nouvelle attente scolaire. In: **Esprit**. La Santé, à quel prix? n. 229, Paris, p. 72-82, fev. 1997.

VILLELA, Wilza V. e BARBOSA, Regina M. Repensando as relação entre gênero e sexualidade. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina M. (Orgs.) **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996. p. 189-199.

WALKERDINE, Valarie. O raciocínio nos tempos pós-modernos. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, 1995.

ANEXO 1

Tabela 4 – Dados sobre estudantes entrevistados/as¹

	Nome fictício	Turma	Idade	NAM ²	Mora c/ ³	Escolaridade Mãe ⁴	Profissão Mãe (Pai) ⁵	Local de Moradia	Data da entrevista
1	Ana Beatriz	701-2002	13	S	Madrinha, padrinho e tio	NC	falecida (madrinha: professora, padrinho: advogado, pai: faz biscate)	Jr. Botânico	27.11.02
2	Ana Cristina	701-2002	14	N	P , madrasta	1	falecida (madrasta: manicure, pai: técnico em eletrônica)	Centro	13.11.02
3	Beyoncé	701-2002	14	N	M , irmãs	2	desempregada (balconista) (irmã: secretária)	Santa Tereza	5.12.02
4	Bianca	702-2003	15	S	M , avó, tios	1	babá (mecânico)	Jr. Botânico	14.07.03
5	Bruna	701-2002	14	S	P M	1	dona de casa (vendedor de coco)	Jr. Botânico	05.12.02
6	Carla	701-2002	13	N	P M , avó	1	doméstica (arquivista)	Dona Marta	13.11.02
7	Caroline	701-2003	12	N	P M	NC	doméstica (trabalha em restaurante)	Gávea	03.07.03

¹ Dados coletados nas fichas dos estudantes obtidas na secretaria da escola e, em alguns casos, completados a partir da entrevista.

² Se já participou (S) ou não (N) no NAM.

³ Com quem mora: pai (P), mãe (M) ou outro.

⁴ “1” equivale ao 1º grau (completo ou incompleto), “2”, 2º grau, “S” Ensino Superior e “NC”, nada consta.

⁵ Profissão da mãe e, entre parênteses, quando informação estava disponível, a profissão do pai ou de algum outro membro da família.

	Nome fictício	Turma	Ida de	N A M	Mora c/	Escola ridade Mãe	Profissão Mãe/Pai	Local de Moradia	Data da entrevista
8	Fábio	702-2003	15	N	P M	1	doméstica	Jr. Botânico	14.07.03
9	Felipe	701-2002	14	N	P M , irmãos	1	pedreiro, do lar	Jr. Botânico	14.11.02
10	Heloísa	601-2002	15	S	M	1	doméstica	Rocinha	12.11.02
11	Hugo	701-2002	14	S	P M , irmãs, 2 sobrinhos	2	dona de casa (pai: funcionário biblioteca da PUC e pedreiro, irmãs: vendedora e secretária)	Horto	12.11.02
12	João	701-2002	14	S	M , irmã, irmão sobrinha	1	faxineira	Jr. Botânico	12.11.02
13	Júlia	701-2002	14	S	P M , irmãs	2	secretária (motorista particular)	Jr. Botânico	04.12.02
14	Júliana	701-2002	13		M , padrasto, avó, irmãos	1	vendedora	Horto	13.11.02
15	Katlin	701-2002	14	N	P M , irmãos	1	faxineira (cozinheiro)	Rocinha	27.11.02
16	Laura	701-2002	14	S	M	S	professora particular (administrador)	Horto	12.11.02
17	Leandra	701-2002	13	S	P M , irmãos	1	faxineira (garçom)	Dona Marta	13.11.02
18	Manfred	701-2002	14	N	M , irmão, tia, primo	2	desempregada – balconista (irmão, ciclista)	Botafogo/ Dona Marta	5.12.02

	Nome fictício	Turma	Ida de	N A M	Mora c/	Escola ridade Mãe	Profissão Mãe/Pai	Local de Moradia	Data da entrevista
19	Marcelo	601-2003	13	S	P M , avó, irmã de criação, sobrinho	1	dona de casa	Jr. Botânico	08.05.03
20	Marcos	701-2002	14	N	M , irmãos	1	faxineira (telefonista)	Jr. Botânico	14.11.02
21	Natacha	801-2002	15	S	P M	NC	doméstica	Jr. Botânico	12.11.02
22	Pâmela	701-2002	13	S	P M	2	depiladora (instrutor de fisioterapia)	Horto / Balança	05.12.02
23	Patrícia	701-2003	13	N	P M , irmãos	NC	dona de casa (motorista)	Jr. Botânico	03.07.03
24	Paula	701-2002	14	N	M , avó, avô, tia	NC	dona de casa (avô aposentado)	Jr. Botânico	05.12.02
25	Paulo Vítor	801-2003	15	S	Tia, tio e primos	NC	falecida (enfermeiro)	Jr. Botânico	18.07.03
26	Rivaldo	701-2003	14	N	M , irmãs	1	doméstica	Leblon, Cruzada	11.07.03
27	Romário	701-2003	13	N	M , irmãos	1	doméstica	Rocinha	11.07.03
28	Selena	701-2002	14	N	M , irmãs	1	passadeira	São Conrado / Rocinha	5.12.02
29	Vitória	701-2002	13	S	M , avô	1	desempregada – babá (trabalha em leilão)	Jr. Botânico	04.12.02
30	Yasmim	601-2003	13	S	M , avó, irmão e cunhada	1	doméstica	Rocinha	08.05.03

Tabela 5 – Dados sobre professores/as entrevistados/as na escola

	Nome fictício	Formação	Ano de formatura	Outros cursos	Início carreira docente	Idade	Estado Civil	Filhos	Local Moradia	Data da entrevista
1	Ana (Vice-diretora)	licenciatura em Ed. Artística	1993 e 1986	magistério	1960	61	separada	2 filhas (29, 31)	Botafogo	24.07.03
2	Márcia	licenciatura em Português e Literatura	1990	curso normal. Mestrado em Literatura Brasileira	1988	33	casada	0	Flamengo	07.11.02 04.12.02
3	Marcos	licenciatura em geografia	1987	nenhum			casado	2 filhas (3, 4)	Flamengo	06.11.02 13.11.02
4	Ronaldo (Diretor)	licenciatura em geografia	1976	mestrado em desenvolvimento agrícola (não concluído), especialização em impacto ambiental	1991	52	separado	4	Taquara	12.11.02
5	Silvana	licenciatura em História Natural	1974	cursos, Ser Vivo	1975	50	casada	1 filho (17)	Jr. Botânico	04.11.02
6	Taís	licenciatura e bacharel em biologia	1980	iniciou mestrado na Fiocruz, 5 especializações	1990	46	separada (3X)	1 filha (7)	Copacabana	05.12.02

Tabela 6 – Dados sobre professoras de outras escolas entrevistadas

	Nome fíctio	Formação	Ano de formatura	Outros cursos	Início carreira docente	Idade	Estado Civil	Filhos	Local Moradia	Bairro da escola	Data da entrevista
7	Adriana	Ciências Biológicas	1993	mestrado e doutoranda em Etiologia	1992	31	casada	1 filha (1)	Tijuca	Leblon	09.07.03
8	Aline	Biologia		fonoaudiologia	1975	53	casada	3 filhas (27, 26, 24)		Gávea	13.06.03
9	Carla	Ciências Biológicas	1986	mestrado em Ecologia	1988	38	casada	2 filhos (7 e 2,5)	Laranjeiras	Copacabana	08.07.03
10	Letícia	Ciências Biológicas	1975	pós Saúde e Educação	1975	49	casada	20, 24, 8	Vl. Isabel	Grajaú	16.12.03

ANEXO 2

Consentimento Informado – Escola

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre saúde e escola. Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e ao Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IMS/UERJ).

Este estudo busca conhecer como ocorre a transmissão de saberes referentes a cuidados com a saúde e com o corpo na escola, e, mais especificamente, conhecer trabalhos de orientação sexual desenvolvidos com alunos e alunas neste espaço. Para atingir nossos objetivos, pretendemos acompanhar e observar as aulas na escola, os encontros dos Núcleo de Adolescentes Multiplicadores, reuniões, entre outros eventos que venham a ocorrer na instituição. O período de permanência na escola será de no mínimo 5 (cinco) e no máximo 11 (onze) meses. Também serão realizadas entrevistas com alguns professores(as) e estudantes.

Estamos convidando a sua escola a participar da pesquisa. A participação da escola é inteiramente voluntária. Esta pesquisa inclui apenas observações e entrevistas e avaliamos que não apresenta nenhum tipo de risco aos participantes.

Gostaríamos de esclarecer que as informações serão utilizadas exclusivamente para fins de investigação científica. Será garantido o anonimato da escola, diretor(a), coordenadores(as), professores(as), alunos(as), entre outros. Nomes fictícios serão utilizados na divulgação dos resultados da pesquisa.

Acreditamos que as informações obtidas nesta pesquisa são fundamentais para o desenvolvimento de programas e atividades educacionais de saúde em escolas.

Colocamo-nos a disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Declaro estar ciente e que entendo os objetivos e condições de participação na pesquisa “A construção social da orientação sexual em uma escola” e aceito que minha escola dela participe.

Rio de Janeiro, de de

Assinatura da direção

Assinatura da pesquisadora

Telefones e endereço para contato:

Helena Altmann: 2294-3693

Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio: 3114-1815 ou 3114-1816.

Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea – 22453-900 Rio de Janeiro – RJ.

Comitê de Ética do IMS - UERJ: 2587-7303 ramal 203.

Consentimento Informado – Entrevista com professor

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre saúde e escola. Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e ao Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IMS/UERJ).

Este estudo busca conhecer como ocorre a transmissão de saberes referentes a cuidados com a saúde e com o corpo na escola, e, mais especificamente, conhecer trabalhos de orientação sexual desenvolvidos com alunos e alunas neste espaço. Para atingir nossos objetivos, pretendemos acompanhar e observar as aulas na escola, os encontros dos Núcleo de Adolescentes Multiplicadores, reuniões, entre outros eventos que venham a ocorrer na instituição. Também serão realizadas entrevistas com alguns professores(as) e estudantes.

Estamos lhe convidando para participar da pesquisa concedendo uma entrevista sobre sua prática pedagógica na escola. Sua participação é inteiramente voluntária. Se você não quiser, não precisa responder todas as perguntas. Você também pode desistir de continuar a entrevista em qualquer momento.

Gostaríamos de esclarecer que as informações serão utilizadas exclusivamente para fins de investigação científica. Será garantido o anonimato da escola, diretor(a), coordenadores(as), professores(as), alunos(as), entre outros. Nomes fictícios serão utilizados na divulgação dos resultados da pesquisa.

Acreditamos que as informações obtidas nesta pesquisa são fundamentais para o desenvolvimento de programas e atividades educacionais de saúde em escolas.

Colocamo-nos a disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Declaro estar ciente e que entendo os objetivos e condições de participação na pesquisa “A construção social da orientação sexual em uma escola” e aceito dela participar.

Rio de Janeiro, de de

Assinatura do entrevistado

Assinatura da pesquisadora

Telefones e endereço para contato:

Helena Altmann: 2294-3693

Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio: 3114-1815 ou 3114-1816.

Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea – 22453-900 Rio de Janeiro – RJ.

Comitê de Ética do IMS - UERJ: 2587-7303 ramal 203.

Consentimento Informado – Pais/responsáveis de alunos(as) do NAM

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre saúde e escola. Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e ao Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IMS/UERJ).

Este estudo busca conhecer como ocorre a transmissão de saberes referentes a cuidados com a saúde e com o corpo na escola, e, mais especificamente, conhecer trabalhos de orientação sexual desenvolvidos com alunos e alunas neste espaço. Para atingir nossos objetivos, pretendemos acompanhar e observar as aulas na escola, os encontros dos Núcleos de Adolescentes Multiplicadores, reuniões, entre outros eventos que venham a ocorrer na instituição. Também serão realizadas entrevistas com alguns professores(as) e estudantes.

Estamos convidando seu filho(a) ou dependente para participar da pesquisa concedendo uma entrevista sobre sua participação no Núcleo de Adolescentes Multiplicadores e sobre os trabalhos que a escola realiza sobre saúde, orientação sexual, uso de métodos anticoncepcionais, prevenção a DST/Aids etc.. Sua participação é inteiramente voluntária. Se ele não quiser, não precisará responder todas as perguntas e também poderá desistir de continuar a entrevista em qualquer momento. Avaliamos que a entrevista não apresenta nenhum tipo de risco aos participantes.

Gostaríamos de esclarecer que as informações serão utilizadas exclusivamente para fins de investigação científica. Será garantido o anonimato da escola, diretor(a), coordenadores(as), professores(as), alunos(as), entre outros. Nomes fictícios serão utilizados na divulgação dos resultados da pesquisa. Acreditamos que as informações obtidas nesta pesquisa são fundamentais para o desenvolvimento de programas e atividades educacionais de saúde em escolas.

Colocamo-nos a disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Declaro estar ciente e que entendo os objetivos e condições de participação na pesquisa “A construção social da orientação sexual em uma escola” e aceito que meu filho(a) ou dependente dela participe.

Rio de Janeiro, de de

Assinatura do responsável

Assinatura da pesquisadora

Telefones e endereço para contato:

Helena Altmann: 2294-3693

Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio: 3114-1815 ou 3114-1816.

Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea – 22453-900 Rio de Janeiro – RJ.

Comitê de Ética do IMS - UERJ: 2587-7303 ramal 203.

Rio de Janeiro, 23 de outubro de 2002.

Senhores pais, senhoras mães ou responsáveis,

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre saúde e escola. Durante este estudo, temos observado como a escola transmite informações sobre cuidados com a saúde e com o corpo e como ela realiza trabalhos de orientação sexual. Temos, portanto, freqüentado a escola e assistido aos trabalhos desenvolvidos nesta instituição sobre esses temas, dos quais seu filho(a) ou dependente participa.

Nesta etapa da pesquisa, convidamos seu filho(a) ou dependente para participar concedendo-nos uma entrevista. Esta entrevista será uma conversa informal sobre a sua participação nos Núcleo de Adolescentes Multiplicadores e os trabalhos que a escola realiza sobre saúde, orientação sexual, uso de métodos anticoncepcionais, prevenção a DST/Aids etc.

Gostaríamos, portanto, de solicitar sua autorização para que seu filho(a) ou dependente participe da pesquisa concedendo-nos a entrevista.

Sua participação é inteiramente voluntária. Se ele não quiser, não precisará responder todas as perguntas e também poderá desistir de continuar a entrevista em qualquer momento. Avaliamos que a entrevista não apresenta nenhum tipo de risco aos participantes.

Gostaríamos de esclarecer que o nome do seu filho(a) ou dependente será omitido e não será divulgado. As informações serão utilizadas exclusivamente para fins de investigação científica e acreditamos que elas são fundamentais para o desenvolvimento de programas e atividades educacionais de saúde em escolas.

Caso você concorde que seu filho(a) ou dependente conceda a entrevista, pedimos que você leia e assine o Consentimento Informado – a outra folha que segue junto com esta carta.

Colocamo-nos a disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Grata por sua atenção,

Profa. Helena Altmann

Doutoranda na PUC-Rio

Telefones para contato:

Helena Altmann: 2294-3693

Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio: 3114-1815 ou 3114-1816.

Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea – 22453-900 Rio de Janeiro – RJ.

Comitê de Ética do IMS - UERJ: 2587-7303 ramal 203.

ANEXO 3

Exemplos de Entrevistas

Entrevista com a coordenadora do NAM

Nome fictício: Silvana

Data: 04.11.02

Duração: 1h30

H: Então eu gostaria que você me contasse como começou a trabalhar com esse tema de orientação sexual na escola.

S: Olha, eu fazia informalmente durante as aulas de Ciências. Já há muitos anos eu faço desta maneira. Mas já, com este trabalho mesmo, foi a partir de 97, quando eu fiz o treinamento do projeto Ser Vivo. Daí eu fui treinada para trabalhar com estas temáticas, sexualidade, DST/AIDS, prevenção ao uso indevido de drogas. E agora a gente trabalha aliado com violência, valores éticos, direitos humanos, tudo isso junto.

H: E esse curso de formação foi todo voltado para o Núcleo de Adolescentes ou não?

S: Acho que sim. Não nos foi passado dessa maneira, mas para trabalho com adolescentes na escola com caráter multiplicador, mas não era uma coisa contínua. Seria meio pontual. Aí depois em 99 que eu fui convidada para fazer um Núcleo de Adolescentes Multiplicadores.

H: Aí você fez outro curso ou não?

S: Não, foi utilizado este treinamento anterior.

H: Depois a gente fala um pouco, vou perguntar coisas mais específicas sobre o Núcleo. Mas antes de ter esse curso, como eram organizados os trabalhos em sala de aula?

S: Era a critério do professor. Cada um desenvolvia dentro das suas perspectivas e dentro da necessidade da turma, quando surgia alguma dúvida ou então dentro da matéria de reprodução.

H: Os livros hoje têm uma parte específica com esses conteúdos. Nessa época isso já existia?

S: Já. Já tinha. Já há muito tempo que vêm assim. Porque existia uma cadeira chamada de Programa de Saúde. E a gente tinha que desenvolver essas temáticas do programa de saúde na 7ª série e, no ensino médio, já tinha esta matéria na 1ª série. Então obrigatoriamente a gente já falava alguma coisa sobre doenças sexualmente transmissíveis, de métodos anticoncepcionais, que era mais ou menos o que se falava. Não se tratava as questões de gênero, sobre a sexualidade em si, sobre o desenvolvimento do adolescente. Era mais ou menos dentro da visão fisiológica, não da visão mais psicológica. Mas ficava alguma coisa assim meio perdida, porque você só trabalhava durante aquele período. Não nas outras séries.

H: E você acha que tem alguma modificação? Que tipo de modificação teve ao longo dos anos?

S: A conscientização do professor de que esse tipo de trabalho não é um trabalho pontual. É um trabalho contínuo. Porque ele também não deve ser só relativo ao professor de Ciências. Ele deve também ser desenvolvido por todas as outras matérias, fazendo um trabalho integrado. E com isso, a gente consegue trabalhar com Português; diante dos temas, eles trabalham com os textos e a gente com a parte teórica. Seria o caso. E História, Geografia, dentro do contexto social, histórico, geográfico. A questão do regionalismo, até dentro da própria Matemática também se pode fazer isso. Utilizando Inglês também, utilizando os termos mais comuns, com as palavras em inglês. E assim a gente faz. E até a Educação Física também trabalha a questão do desenvolvimento corporal, do lazer que é uma questão importante, da atividade física. Para fazer com que o adolescente se introduza dentro dessa questão da consciência do seu corpo, do espaço que ele ocupa e que a atividade física é uma coisa importante para a ocupação da mente dele também.

H: E aqui na escola, que outros professores, que disciplinas trabalham com esse tema?

S: Acho que quase todos eles, de uma maneira... Não sei se Matemática trabalha, mas Português, eles trabalham bastante. Eles utilizam bastante poemas, temas relativos à adolescência e a questão da sexualidade. Não sei se História e Geografia também abordam.

H: E você já desenvolveu algum trabalho conjunto com algum professor?

S: Com Português. Com Português já desenvolvi mais de uma vez.

H: Conta um pouco desses trabalhos, como foi.

S: Olha, eu fiz um trabalho no ano passado sobre AIDS, com uma professora de Português, das turmas de 7ª série. Levou 3 meses entre a elaboração do texto pelos alunos, que eles fizeram peças teatrais. Primeiro houve a leitura de um livro, que a professora de português indicou. A palestra do autor do livro, depois a confecção do texto. E para isso eu entrei com os conceitos de Aids, de transmissibilidade, sobre prevenção. Então a parte teórica ficou sob a minha responsabilidade. E

também o acompanhamento do trabalho de elaboração das pecinhas. E depois a professora de Português trabalhou a questão do desenvolvimento da própria peça, como eles iriam apresentar. E eu, junto com ela, participamos da apresentação. Eu ajudei a ela a avaliar a apresentação das peças e dos textos também. Foi um trabalho legal que nós fizemos só para a turma, não se apresentou para a escola. Foi feito mesmo dentro das turmas de 7ª série.

H: E os alunos lhe procuram fora do espaço de sala de aula, ou mesmo durante a aula para perguntar sobre...

S: Procuram. Às vezes eles me pedem, não importa a série que seja, para a gente discutir sobre o assunto. Às vezes leva mais de uma aula. Aí eu procuro introduzir todas essas técnicas, dinâmica de grupo, trabalhando como se fosse uma pequena oficina para poder satisfazer a curiosidade deles.

H: E que tipo de questões eles trazem?

S: Geralmente é sobre relacionamento sexual. Geralmente é sobre isso. São essas dúvidas que eles têm sobre gravidez na adolescência, sobre a questão de masturbação, sobre a questão do homossexualismo. Isso são as temáticas mais [apresentadas], aborto também.

H: E em que série?

S: A partir de 6ª série.

H: E a 5ª série não?

S: Não, eu não tenho 5ª série. Mas se na 5ª série, eles têm mais idade, eles têm essa necessidade de resposta. Os pequenos não observei. Já trabalhei com 5ªs séries várias vezes, com 10, 11 anos, esses não têm essas preocupações. Alguns têm, mas a maioria não. Mas a partir da 6ª série eles já começam.

H: E você acha que eles trazem mais para o professor de Ciências ou para outros professores também?

S: Acho que para outros professores. Aqueles que dêem mais abertura. Aqueles com quem eles têm mais empatia, que respondem muita coisa para eles do dia-a-dia. Aí a esses eles perguntam. Mas geralmente é ao professor de Ciências que eles recorrem.

H: E pensando em uma perspectiva de gênero: tem algum diferencial entre questões que as meninas trazem, questões que os meninos trazem?

S: Tem. As meninas estão mais preocupadas com o desenvolvimento físico, com a beleza, também com a gravidez na adolescência, que é uma coisa que preocupa a elas, métodos anticoncepcionais. Os meninos não. Com eles é justamente com relação à masturbação, os mitos, mitos e lendas. Basicamente isso. Eles não estão preocupados se usar camisinha é importante ou não. Eles estão preocupados com a performance.

H: E que mitos giram em torno da masturbação?

S: Ah, se dá calos nas mãos, se dá pêlo, se cresce o seio, se a voz fica fina, se fica doente, porque diz que fica fraco. São esses os problemas maiores. A curiosidade maior é essa.

H: E se pensasse em termos de classe social. Você vê alguma diferença?

S: Não sei, porque eu não trabalho na rede particular. Mas dentro da escola, eu acho que os que estão mais bem informados são aqueles que têm mais curiosidade. Aqueles que têm mais acesso a revistas, talvez conversa na família. Os de classe social mais baixa, que são aqueles que mais precisam, são mais tímidos em relação a essas questões. Eles têm muitas dúvidas. Mas creio eu que a baixa auto-estima deles impede que eles se expressem. Eles têm medo de pagar mico. Essa que é a verdade. Então eles não têm uma tranquilidade, uma espontaneidade para fazer perguntas que nem os outros fazem. E quanto mais novos, mais fácil de colocarem para fora as suas dúvidas. Os menores têm muito mais facilidade de se expressar que os mais velhos.

H: Eu não estava aqui no primeiro semestre quando vocês tiveram aula sobre esses temas. Como essas aulas são organizadas, que conteúdos são trabalhados?

S: Eu trabalhei a questão da sexualidade e essas temáticas decorrentes dela, dentro do capítulo de reprodução. Eu comecei a trabalhar um pouco com a célula, entrei um pouco na parte de tecidos, mas voltei à parte de reprodução, de fecundação, desenvolvimento embrionário. Daí a gente partiu para trabalhar a questão do ciclo menstrual e aí que eu comecei a desenvolver a questão da sexualidade. A partir daí. Dentro daquilo que eles começaram a solicitar eu fui aprofundando, a ponto de fazer até um debate aberto onde eles puderam discutir todas as questões relativas a dúvidas que eles tinham. Mas no fundo eu percebi que eles estavam mais preocupados com relacionamento sexual. Simplesmente a prática e não as dúvidas relativas à sexualidade, as questões de gênero, questão da violência, da dominação do homem sobre a mulher. Isso eles não estavam preocupados. Estavam preocupados com performance. O tempo todo sinalizando isso e de uma maneira que eu achei assim meio agressiva. Principalmente os meninos em relação às meninas. A colocação deles em relação às práticas sexuais, eles eram bastante agressivos, não sei

se para intimidá-las, mas elas não se intimidaram não, responderam à altura. Mas eu percebi que eles tinham muito conhecimento teórico. Talvez pelas revistas que eles usam, Capricho, Sabrina, sei lá quais são esses tipos de revistas, eu não conheço muito bem, mas que têm muitas reportagens sobre a questão de sexo propriamente dito. Não de sexualidade, mas sobre sexo. E nisso teoricamente eles estão por dentro. Mas a questão do uso da camisinha, não é abordada. Eles não falam muito sobre isso. Eles não têm preocupação em relação a Aids. A maioria não tem, são poucos aqueles que têm. Eles acham que usar camisinha é como se fosse chupar bala com papel. Ainda têm essa visão errada. As meninas são muito mais preocupadas. Elas acham que o uso da camisinha é muito mais importante. Mas não sabem negociar. Elas não têm argumentos. Elas são facilmente dominadas por eles nesse aspecto. Ainda continuam ainda submissas à vontade masculina.

H: E que tipo de questão sobre performance eles levantam?

S: O tamanho do pênis, quantas relações sexuais eles podem ter durante um dia, quantas garotas eles vão usar, vão pegar, como eles chamam. Com relação ao ficar: eles gostam de ficar, mas ainda têm discriminação em relação à garota que fica com vários meninos. Eles podem, mas elas não podem. Então isso mostra bem a questão de gênero gritante entre eles, apesar de toda a liberdade que a gente tem hoje em dia, todo o tipo de abertura. Ainda existe esse preconceito. Eles são bastante preconceituosos.

H: E essa preocupação com a performance, é mais feminina ou masculina?

S: Mais masculina.

H: As meninas chegam a manifestar alguma coisa nesse sentido?

S: Só questão estética. É roupa, é o seio. Elas têm preocupação com o tamanho do seio. Porque hoje em dia o silicone está na moda, então elas acham que o tamanho do seio está pequeno. A questão do volume das nádegas, elas têm que ter o bumbum grande. Têm que ter corpo, então aquelas que não têm corpo sentem-se diminuídas em relação às outras. Então elas não percebem que o desenvolvimento físico está muito relacionado com a quantidade de hormônios que elas produzem. Então a gente sinaliza isto, mas não é suficiente. Então elas querem ser mulheres antes do tempo. Essa é que é a verdade. E muitas não dão importância ao que elas querem, mas sim o que os outros querem delas. Então a questão da auto-estima e a questão também de dizer não. Não sabem dizer não. A maioria não consegue. Então elas ficam sendo alvo fácil dos outros, porque elas não têm vontade própria. E o que a gente tenta mostrar é isso, que a pessoa tem que ter vontade própria, independente do que o grupo queira. Mas é difícil conscientizar. Então o trabalho todo é voltado em cima disso, para que o adolescente tenha vontade própria e não fique só dependendo da vontade do grupo para poder realizar todas as questões, não importa se seja sobre a primeira relação sexual, sobre o experimento de drogas, não importa.

H: Então esse debate que teve foi feito entre meninos e meninas.

S: Foi quase o clube do bolinha e o clube da luluzinha. Mas foi uma coisa assim, eu achei um pouco agressivo da parte deles. Elas não sinalizaram assim. Talvez eu tenha me chocado porque eu não esperava a atitude deles. Sobre as questões muito abertas, dá a impressão que eles têm muita prática, quando na realidade talvez não seja isso. É mais uma questão de informação teórica e do próprio mito.

H: É, toda essa performance que você fala tem que se manifestar até no debate.

S: Sem dúvida. É. Eu achei assim que eles iam meio devagar, mas eles foram direto na bucha.

H: Você lembra algumas questões?

S: As questões mais importantes era relação anal, era felação, sexo oral, sexo anal, coito interrompido, as coisas mais gritantes que eles colocaram.

H: E elas? Que tipo de questão elas traziam?

S: Não, elas não se manifestavam muito em relação à prática sexual. Elas se manifestavam mais em relação ao comportamento masculino e feminino. Elas já tinham uma visão mais da sexualidade, eles não, só uma visão puramente do sexo.

H: Que diferenças, como você diferenciaria essas duas palavras: sexo e sexualidade.

S: Elas são mais informadas. Ah, como eu definiria? O sexo é, eles não vêem o sexo como uma condição biológica. Eles vêem o sexo, a palavra sexo como a prática. Isso é uma coisa difícil para eles identificarem. E a sexualidade é o modo como a pessoa vai aprendendo no decorrer da vida a se relacionar com o seu próprio sexo biológico, com a sua própria questão frente à vida como pessoa, ou feminina ou masculina ou seja lá o que for. Então como ela se porta perante a sociedade e perante ela mesma.

H: Então as meninas

S: Elas estão mais dentro da sexualidade, da questão teórica sobre sexualidade do que eles. Eles não. Eles têm mais uma visão específica da prática sexual.

H: E você comentou agorinha que as meninas são mais informadas.

S: São mais informadas. Elas lêem essas revistas, que elas estão acostumadas, compram no jornaleiro. Então estão sempre. E os meninos, são poucos os meninos que lêem. A maioria não lê. E eles têm muito assim, é papo. Eles apreendem ainda ouvindo a conversa dos outros, dos mais velhos, dos chamados mais experientes. Mas eles não mencionam, por exemplo, o uso da prostituição como um veículo para sua primeira relação sexual. Eles não colocam a prática que antigamente era mais comum. Eles esperam que as colegas, as amigas sejam as colaboradoras da sua primeira relação sexual, isso eles mostram claramente. Mas eles não têm consciência das doenças sexualmente transmissíveis, eles acham que isso não vai acontecer com eles. Como qualquer adolescente, eles se acham os senhores da situação. Então eles acham que Aids e DSTs não existem para eles, que isto é lenda.

H: E as meninas também?

S: Elas têm mais preocupação. Elas acham que isso é possível.

H: Por quê?

S: Talvez por essa questão da informação mais precoce. Algumas têm conversa em casa, com as irmãs mais velhas, a própria mãe, os parentes. Elas procuram mais a ajuda do professor do que eles. Raramente eles vêm com algum problema. Elas vêm sempre, principalmente com a questão da gravidez. Isso aí é o que mais preocupa elas. Não é a primeira relação, é a gravidez, a possibilidade de uma gravidez precoce.

H: E nesse debate eles trouxeram as questões sobre sexo?

S: Sobre as práticas sexuais. É, foi.

H: E que outras questões julga importantes, que outras questões foram abordadas?

S: É, eu procurei direcionar justamente para as questões de gênero. Como o relacionamento masculino e feminino, a questão da dominação do homem sobre a mulher e tentando ver como elas e eles reagem frente a isso. Elas tentam ser um pouco mais ativas do que eles nessas questões, mas eles freiam as iniciativas delas, de questão de igualdade, de direitos, deveres e do que pode e do que não pode. Ainda existe entre eles o que a menina pode e o que a menina não pode fazer. Ainda está bem definida essa diferença. Essa questão de gênero está muito presente.

H: E o que a menina pode e o que ela não pode fazer?

S: O menino pode pegar várias garotas. Isso aí ainda é considerado como triunfo. Ela não. Se ela ficar com vários garotos, ela é cachorra, ela é mal falada, ela é uma garota fácil. Então, a experiência do ficar, que é uma questão preliminar, que é importante, tanto para os meninos quanto para as meninas, para elas ainda é cerceada, o direito de exercê-la. Eles não, eles podem. Então eles podem dar em cima das meninas, mas para a menina não fica bem dar em cima do menino. Agora nas questões do dia-a-dia, eles já dividem bem. Não se vê essa diferença. Até mesmo nos esportes, na própria escola, a divisão do trabalho. Mas na preparação das festas, os meninos ainda trazem as bebidas e as meninas as comidas. E são elas que arrumam a sala, elas não deixam eles participarem. Porque eles não sabem, eles são enrolados. Então não permitem que, alguns ainda fazem, ainda se metem e vão em frente, mas a maioria não se mexe, fica sentado. E na hora de dançar. Elas dançam e eles ficam sentados, olhando. É muito engraçado isso, porque antigamente não era assim. E elas não chamam os meninos para dançar, elas dançam entre elas. Então isolam os meninos e eles, por sua vez, isolam as meninas. Porque eles não têm, acho que eles ficam meio inibidos, porque eles não sabem dançar. Então eles ficam com vergonha de mostrar o corpo, a sensualidade deles, e deixam esse papel para elas. Então, ser sensual ainda é um atributo feminino. É outra questão de gênero dentro das divisões que elas são ainda solicitadas.

H: Tem essa limitação de elas ficarem com os rapazes, mas será que elas não ficam? Esse ficar é só uma prática masculina ou é feminina também?

S: Também. É feminina também.

H: Então como elas lidam com essa contradição, porque por um lado não pode, por outro...

S: Eu acho que a maioria fica com vários meninos. Tem umas que são... mais abertas e elas expõem o seu desejo e alguns respeitam, outros não respeitam. Os que não respeitam, elas ainda não sabem como lidar verbalmente. Algumas lidam, mas a maioria não. Talvez pela idade, que elas são de faixa etária baixa, de 13, 14 anos. As meninas de mais de 15 anos já sabem lidar melhor com isso.

H: E durante as aulas, você trabalhou também alguns temas ligados à prevenção de gravidez, de DSTs?

S: Sim. Porque os métodos anticoncepcionais fazem parte também da questão da reprodução, do capítulo de reprodução. E todos os métodos foram abordados, até os mais modernos, de implante de hormônios. Mas elas, para elas, a gente coloca como a camisinha sendo o método anticoncepcional mais eficaz para o adolescente. Porque protege também contra DST e AIDS. E

não esquece, porque se for tomar pílula, tem que ser com orientação médica. Elas não vão ao médico. Tem hora certa para tomar. Elas acabam esquecendo. Então você não vai estimular o uso de um anticoncepcional injetável que dure meses ou até um implante, porque elas são muito novinhas. Então, o que se prega é justamente o uso da camisinha. Associado ao método anticoncepcional mais durável, mas isso com o conhecimento médico e da família, o que não acontece. Então a gente sinaliza bastante para o uso da camisinha feminina, que é um objeto já, um preservativo que a mulher pode usar independente da vontade masculina. Mas eu acho isso muito difícil, porque elas estão muito ligadas à opinião deles, ao desejo deles. E acreditam piamente no que eles dizem, que nada vai acontecer etc. Ainda tem essa prova de amor, ainda existe prova de amor. É o castelo de fadas, o conto de fadas do príncipe de da princesa. Isso ainda existe. É bom, eu não acho ruim não, só que com os seus devidos cuidados.

H: Antes, você estava falando que já trabalha há bastante tempo com essas questões na escola, em sala de aula. Que modificações vê ao longo dos anos nesse trabalho?

S: Abertura no colocar com mais clareza e com mais antecipação esse tipo de assunto.

H: E houve alguma mudança em termos de temas priorizados?

S: Sim, a questão de gênero. A diferença entre sexo e sexualidade, que antigamente havia uma, era, não chamava-se nem de orientação sexual. Era aula de sexualidade. Mas que no fundo de sexualidade não tinha nada, porque você não mostrava que a sexualidade é uma coisa construída, desde o nascimento. Era mais um momento do adolescente se preparando para o sexo propriamente dito. E nisso houve uma mudança com relação a esse conceito. E também a questão da violência contra a mulher, contra a criança, a adolescente, que era uma coisa que não se abordava. A violência sexual não era abordada. A questão da prostituição era muito pouco falada. E agora já se trabalha também bastante a questão das drogas, que podem levar também o uso a um descuido na hora das relações sexuais e a contrair DSTs, Aids e gravidez na hora indevida.

H: E na sua opinião, por que a escola deve trabalhar com este tema de orientação sexual?

S: Eu acho que para fazer com que o adolescente vá se introduzindo nessas questões com mais clareza. A gente sabe que a prática sexual está cada vez mais precoce. Então, para que ele possa ter uma sexualidade mais feliz, uma prática sexual mais consciente. Então a gente sentiu essa necessidade de que os assuntos comesçassem a ser trabalhados bem mais cedo. De maneira mais suave e que de acordo com as necessidades as coisas comesçassem a ser aprofundadas. De qualquer maneira eles são trabalhados gradualmente e de acordo com o que eles solicitam.

H: E qual a importância da escola na aquisição de informação por parte dos alunos?

S: Eu acho importante. Porque atualmente talvez seja o único espaço que eles tenham que aborde, de uma maneira assim mais livre, as questões da sexualidade sem repressão. Porque às vezes em casa eles não conseguem ter essa liberdade e essa naturalidade com que a gente trabalha isso. Em que eles têm o direito de falar, têm o direito de opinar.

(vira a fita)

Tem curiosidades. Você pega uma turma de 5ª e 6ª série, eles não querem saber da prática em si. Eles querem saber é da masturbação, da questão de ficar bonita, do desenvolvimento do corpo, do ciclo menstrual, porque para elas é um incômodo, realmente. Para eles, o desenvolvimento dos órgãos sexuais. Eles estão preocupados com isso. Eles ainda não estão preocupados com a prática em si. Então é diferente, em uma turma de 6ª e uma turma de 7ª e 8ª, em que eles já estão com os hormônios bem mais atuantes e já estão preocupados com uma possibilidade de uma relação sexual efetiva.

H: Então as questões levantadas mudam?

S: Mudam de acordo com a faixa etária.

H: Então a 7ª série seria uma mudança?

S: Uma mudança, justamente. Isso a gente observa quando a turma tem mais idade. Às vezes, eles estão muito novinhos, chegam na 7ª com 12, 13 eles ainda não estão com esta visão tão aguçada. Em turmas mais velhas, você pode abordar desde a 5ª série. Eles até já têm prática sexual. Eles já têm uma vida sexual ativa, tanto os meninos quanto as meninas. E aí as preocupações já são outras. Já são com relação à preservação da saúde, de DSTs, da gravidez, a questão da violência sexual. Porque muitos já são dominados por pessoas que os usam para o trabalho, como prostituição na adolescência e tudo mais.

H: E durante as aulas, trabalha com as turmas juntas, meninos e meninas, ou há uma separação?

S: Juntas. Não há separação. Nunca houve. No início, havia um certo pudor. Você percebia que ou as meninas ficavam muito envergonhadas de ouvirem e perguntarem ou então os meninos, dependendo do assunto que estava sendo debatido. Mas o que a gente mais costuma fazer, isso sempre foi assim e continua sendo, é deixá-los fazerem perguntas por escrito. Aí coloca numa caixinha, leva para casa, seleciona as questões, os temas mais comuns e numa aula seguinte

começa a falar. Aí surge. Aí naturalmente eles já vão se desinibindo. Mas sempre no primeiro momento eles são inibidos.

H: E você acha que rolam constrangimentos, gozações em relação a questões tratadas?

S: Sempre. Eles riem das perguntas que os outros fazem, eles zoam, como eles dizem, do colega que disse alguma coisa que, às vezes, é uma preocupação deles, que eles têm curiosidade em relação a isso.

(pausa para atender as alunas)

H: E na sua época de escola, essas questões eram trabalhadas?

S: Só na Biologia. Só foi trabalhada em Biologia quando eu estava no 2º ano do científico. O professor falou, a meninada ficou toda rocha. Era uma vergonha, ninguém tocava no assunto. Era um tabu, um pudor. A gente, engraçado, sabia, porque a gente lia revistinhas e lia muitas coisas, as pessoas comentavam. Justamente, toda nossa orientação sexual era em cima de colegas, em cima das experiências dos outros. Nem a escola trabalhava isso. Aquele professor que por ventura falasse, mas ele não tinha um jeito de falar as coisas. Então ficava um constrangimento, porque as meninas preferiam que fosse a mulher que falasse, e os meninos um homem. Talvez naquele momento a gente não tinha abertura suficiente para isso, nem compreensão, que a repressão era muito grande, até mesmo dentro da própria família, da sociedade, então isso não era trabalhado com liberdade e naturalidade. Era difícil.

H: E na faculdade, você teve alguma formação nesse sentido?

S: Não, também não. Apesar de eu fazer Biologia não tinha. Claro que a gente ia adquirindo a experiência de acordo com a vivência. E a vivência dos outros. Mas em nenhum momento tivemos nenhuma orientação a esse respeito.

H: E que dificuldade você encontra na sua prática de sala de aula, de escola para trabalhar com esses temas?

S: Olha eu acho que o material audiovisual. Não é nem a minha prática de falar. O falar para mim não é problema. Eu acho que deveria ter um material de apoio, que me permitisse mostrar melhor, talvez o desenvolvimento do corpo dos meninos, porque a gente não tem pranchas, nem mapas que falem sobre (?). E vídeos também, porque às vezes existem vídeos educativos que são bons, que abordam essas questões, como a Ecos, tem vários, sobre a questão da adolescência, sobre a primeira vez. Às vezes nem isso, mas tem um vídeo canadense que é muito bom, que é a vovó contando a história do desenvolvimento do corpo dos meninos e das meninas, que a gente usa aqui na escola. Mas eu ainda acho que é pouco, que a gente devia ter mais material audiovisual para poder fortalecer essas práticas. Talvez algum livro, alguma coisa assim, historinha, que fosse bem apropriado. Temos na biblioteca alguns livros infanto-juvenis que abordam essas questões, da violência contra adolescente, da gravidez indesejada, do homossexualismo. A gente tem. Mas a gente não faz um trabalho integrado. Porque eu acho que o professor devia conhecer o livro e trabalhar em cima daquilo, mandar que as crianças lesem e dali você fizesse um trabalho mais abrangente. Fica uma coisa muito pontual. Cada um lê.

H: E eles procuram esses materiais?

S: Procuram, gostam. Principalmente as meninas. Quem lê mais são as meninas. São poucos os meninos que lêem.

H: E além da escola que transmite informações sobre esses assuntos, que outros meios de informação, você falou da revista...

S: A tv. A televisão com as novelas. Porque eu não sei, como eu não vejo novela, fica difícil de dizer essas novelas de 6, 7 horas se elas abordam isso. A novela das 8 a gente já sabe como é, que é uma coisa muito mais aprofundada em relação às questões sexuais. Mas o horário que o adolescente vê televisão tem vários programas que são voltados para isso. O Canal Futura tem uma programação, mas não é tv aberta. A tv Cultura também tem uma programação voltada para isso e a Multirio tem alguns programas também. Mas passa num horário que às vezes a gente está em sala de aula. Então às vezes não coincide o horário que está passando com o horário de sala de aula. Então é meio complicado, tem que gravar e passar em outro momento. Mas até tem alguns programas bastante sérios, mas geralmente é para uma faixa etária mais elevada, não é para o adolescente em início, para o púbere, digamos assim, o pré-adolescente. Não tem. O que tem é para uma faixa já assim de 16, 17, 18 anos.

H: E as famílias, conversam sobre esses assuntos?

S: Acho que são poucas. Pelo que eu converso com eles, são poucos os pais que têm liberdade, facilidade de conversar com os filhos. A maioria ainda é repressora e amedronta o adolescente com relação à prática sexual. Não aceita.

H: Quais são os argumentos?

S: Ah, que pode ficar grávida, que vai ficar mal falada, que não vai conseguir casamento no futuro. Ainda mantém a questão da virgindade como um bem que deve ser preservado por muito tempo. Ainda mais se são de famílias evangélicas.

H: *E as meninas estão preocupadas com esta questão da virgindade?*

S: Não. Nem um pouco.

H: *E as evangélicas também não?*

S: Não sei porque elas não se manifestam. Acho que também não. (risadas)

H: *Difícil de manter isso.*

S: Muito difícil. Os exemplos mostram que não adianta prender. Aqui na região do Horto, o número de adolescentes grávidas é muito alto. Na faixa de 15, 16, 14, 13. É muito alto. Este ano aqui na escola nós temos... já tivemos uma que já teve o bebê. E temos de 16 anos grávida, 15 anos.

H: *Que é do turno da manhã?*

S: Turno da manhã.

H: *E como a escola lida com esses casos de gravidez?*

S: Tranqüilamente. Elas freqüentam a escola, têm apoio dos professores, mas não procuram nossa orientação.

H: *E entre os colegas?*

S: Também acham uma boa, acham um barato. Curtem a barriga em desenvolvimento, depois curtem o bebê, apóiam integralmente. E tem os meninos também que são pais.

H: *E como essa questão da paternidade aparece.*

S: Eles ficam muito assustados no início. Eles assumem no princípio durante a gravidez e no primeiro ano de vida do bebê a paternidade. Para eles há uma mudança muito grande de realidade, porque eles são obrigados a trabalhar para ajudar, mas depois eles abandonam a menina. Isso é muito comum. Poucos são aqueles que mantêm um relacionamento duradouro.

H: *Então as mudanças que trazem a gravidez para o menino seria a questão do trabalho?*

S: É, a questão do trabalho.

H: *E para a menina?*

S: Para a menina é tudo. Porque ela, se ela não delegar, se a mãe dela não assumir o bebê, que é geralmente o que acontece, a avó assume a criança. A maioria deixa de estudar, poucas são aquelas que conciliam escola com o cuidado do filho. Muitas mudam de horário, passam a estudar à noite. Outras têm que largar mesmo, porque às vezes têm que trabalhar porque, se não tem a ajuda do pai, elas ficam sozinhas. Nem sempre, na maioria das vezes, a família acolhe. Na maioria das vezes a família acolhe. São poucas aquelas que a família não acolhe hoje em dia, dentro da nossa realidade.

H: *E em termos de escola, para o menino, traz alguma mudança?*

S: Como?

H: *Em termos de escolarização do menino, pai, traz alguma mudança a gravidez?*

S: Às vezes sim, às vezes não. Isso vai depender muito dos objetivos dele. Se ele é um menino que ele pensa em ser alguma coisa no futuro, em continuar seus estudos, se ele estiver ligado à garota, se ele assumir a paternidade vai ser difícil. Porque ele vai ter que entrar para o mercado de trabalho e isso vai entrar em conflito com os estudos dele. Mas se não, se ele não assumir a paternidade integralmente, deixar por conta das famílias, ele continua a vida dele normal.

H: *E por que elas engravidam?*

S: Olha, a maioria ou para satisfazer a vontade do namorado sem a consciência de que ficarão grávidas e outras porque querem ficar grávidas mesmo, acham um barato. Acham que barriga é fantástico, mostrar a barriga, não têm a consciência do que está se desenvolvendo dentro delas. A maioria não faz aborto. Elas têm o filho. Pelo menos aqui na escola nenhuma fez aborto.

H: *E como esse tema do aborto é trabalhado na escola?*

S: Eles acham que é um método anticoncepcional e a gente coloca que não é bem assim. Que isso é uma vida que está em desenvolvimento e o que eles têm que fazer é prevenir, é evitar. Porque depois as decisões têm que ser tomadas, e às vezes fica difícil para o adolescente sozinho resolver. Então envolve uma série de questões. Então antes tem que se pensar. Mas geralmente eles assumem. Para as meninas é mais fácil, eu acho, elas encaram com maior naturalidade. Agora para eles é mais difícil. Nós fizemos um trabalho sobre paternidade, mostrando três situações em que o rapaz recebia a notícia da gravidez da namorada e eles tiveram que discutir e levantar suas questões. E eles mesmos dizem, se a garota que eles estão ficando ou estão namorando ficar grávida, para eles será um problema. Eles não se sentem em condições de assumir uma responsabilidade dessas.

H: *Então a gravidez seria mais um desejo da menina do que do menino?*

S: Eu acho que sim. Mais um desejo, ou então uma coisa que não vai acontecer nunca. É uma questão mesmo da invulnerabilidade deles. Eles não acham em momento nenhum que aquilo vai acontecer. Essa onipotência deles de que acontece com todo mundo, menos com eles. É o problema da Aids também que a gente coloca para eles como prioritária, mas eles não têm medo. Eles não vêem isso com uma coisa próxima deles. Eles vêem isso muito distante. Talvez por não conhecerem pessoas que são soropositivas e como elas se comportam em relação à presença do vírus. E também que eles sabem da existência de outros soropositivos que vivem normalmente, então eles acham que a Aids não mata, que nada disso.

(interrupção para ela atender as alunas)

H: *E que outras questões sobre sexualidade aparecem no cotidiano da escola, não só em sala de aula, mas em outros momentos?*

S: A questão de gênero. Eu acho que é maior. E a questão da violência.

H: *E com essa questão aparece.*

S: Assim, os meninos sempre acham que eles podem dominar as meninas. Essa violência implícita de domínio é muito comum. E gente percebe isso até mesmo em namoros na sala de aula. Garoto domina. Ele faz a namorada de secretária dele, de empregada dele, ela carrega o material dele, ela copia a matéria para ele. Então ela fica submissa. A submissão da menina sobre o menino.

H: *E questões, por exemplo, como homossexualidade?*

S: Tem, tem, mas não é uma coisa aberta. Eles ainda estão procurando a sua orientação sexual. Eles não têm certeza do que eles querem. Têm alguns alunos que demonstram, mas eles ainda não sabem realmente se eles têm preferência pelo sexo masculino ou não. Ou meninas também pelo sexo feminino. Elas ainda estão descobrindo, eles ainda estão descobrindo.

H: *E como a escola lida com isso?*

S: Não reprime. A gente somente comenta a importância da pessoa descobrir a sua orientação, que isso faz parte da sexualidade. É dentro do próprio conceito de sexualidade.

H: *E há diferenças entre a homossexualidade feminina e a masculina.*

S: Não sei. Não posso de dizer porque não é uma coisa muito aberta. Aqui na escola, há muito tempo que a gente não vê um aluno que declare realmente a sua preferência, a sua orientação sexual.

H: *E esse tema é tratado como um assunto de discussão em algumas disciplinas?*

S: Nada. Eles não, ninguém fala nada sobre esse assunto. Eles também não perguntam. É uma coisa meio tabu entre eles. Eu até coloco a questão do homossexualismo, mas não tem platéia.

H: *Eu queria agora falar um pouco sobre o Núcleo de Adolescentes. Como surge essa idéia na Secretaria de Educação e quando para criar esses Núcleos no Município?*

S: Isso surgiu acho em 92, devido à necessidade que a própria Secretaria encontrou, descobriu de professores que iam lá pedir ajuda para tratar desses temas nas suas escolas. Mas parece que já anterior, desde 86 já vem a educação sexual. Alguns professores já faziam isso meio oficiosamente. Mas a partir de 92 que começaram a implantar esses treinamentos. Eles viram que era necessário o professor ser treinado. Aprender um pouco mais para poder lidar com as questões. E a partir de 96 que eles resolveram criar os Núcleos de Adolescentes Multiplicadores. Porque eles viram que o aluno ele tinha mais influência sobre o colega do que o próprio professor sobre a turma toda. Então eles viram, que na questão das drogas, principalmente, no uso da camisinha, que era importante que eles passassem para os outros a visão deles, que talvez tivesse mais influência. Essa é a idéia que eles tiveram. Em 86 começou realmente por causa da AIDS, quando chegou a AIDS realmente aqui no Brasil, que aumentou o número de casos. Por isso que se começou a trabalhar a questão da prevenção.

H: *E essa idéia dos Núcleos tem inspiração a onde? Está ligada a ONGs, alguma coisa assim? Você sabe?*

S: Não sei. A origem eu não sei mesmo. Não sei se eles tiveram algum contato com alguma secretaria de educação de algum outro país. Não tenho idéia.

H: *E como surgiu a idéia de criar um Núcleo aqui na escola?*

S: Foi um convite. Um convite que a Secretaria de Educação me fez. Veio direto para toda a rede. Então aqueles professores que tinham treinamento em algum dos cursos de capacitação: Ser Vivo, AIDS e a Escola, Educarte. Quem tivesse poderia participar. Isso foi em 99 que veio. Porque era uma coisa meio de CRE. Por exemplo, a 9ª CRE já fazia desde 96, a 5ª CRE. Mas aqui na 2ª CRE, só a partir de 99. Eu não sabia nem da existência desse grupo.

H: *E o convite veio para todos os professores ou foi algum professor em específico?*

S: Para todos os professores, aqueles que tivessem o curso de capacitação, poderiam se inscrever, fazer um projeto e esse projeto foi analisado pela Secretaria de Educação e a gente foi convocado.

H: *E esse projeto foi elaborado por você?*

S: Por mim.

H: *Você tem esse projeto?*

S: Tenho.

H: *Eu posso ver?*

S: Pode, te passo.

H: *Tá, e qual da contribuição da direção da escola na implementação?*

S: Ela foi totalmente favorável. Aí eu apresentei o projeto em julho, fui chamada em agosto para avaliação do meu projeto. E em setembro eu já, para um treinamento em Friburgo, promovido pelo Instituto Nacional do Câncer para trabalhar com fatores de risco causadores de câncer, que também era uma temática do Núcleo de Adolescentes, porque envolve drogas, envolve álcool, tabaco e a questão do sol e dos alimentos também. E hoje em dia, até o *stress* da vida moderna é um dos fatores comprovados. Então tudo isso envolve Núcleo de Adolescentes, porque é de interesse que eles saibam.

H: *E ele começou quando?*

S: Aqui ele começou em 27 de outubro de 99. Tive um grupo de 30 alunos. Fui até o final do ano. Aí em 2000 continuei com um grupo bem grande, eram duas turmas de mais ou menos 25 alunos cada uma, de manhã e à tarde. Ano passado, também eu tive dois Núcleos, de manhã e à tarde, com um grupo na média de 20. E esse ano eu só fiz de manhã. Comecei com 30, mas tenho uns 15 mais ou menos. Às vezes vem 3, 4. Ainda mais que eles têm outras atividades que estão surgindo, como a olimpíada da escola, eles estão indo jogar, fazem parte da equipe de vôlei, futebol de salão. Eles têm outras atividades. Fazem teatro na G. F (outra escola). Agora tem as aulas de informática da RODERJ, que funcionam aqui na escola, que eles instalam os computadores e oferecem para 7^a e 8^a, onde o grupo maior dos meus alunos é de 7^a série principalmente e 8^a. Então com isso eu fiquei desfalcada num bom número de alunos. E o número caiu muito porque além de tudo eles têm preguiça de acordar, tem uma série de fatores desviando a atenção deles. Talvez por já terem freqüentado, já é o segundo ano para uns, terceiro para outros. Quer dizer, por mais que você diversifique, as temáticas são as mesmas.

H: *Quais são os temas que...*

S: Sexualidade. Prevenção à DST/Aids, prevenção ao uso indevido de drogas, violência, abuso sexual, valores éticos, direitos humanos, preconceito e discriminação, questões de gênero, fatores causadores de risco de câncer, qualidade de vida, campanhas, por exemplo, como combate à dengue, amamentação também a gente trabalha. É muito. Meio ambiente, também. Tudo que envolva o bem estar do indivíduo é temática do Núcleo de Adolescentes. A gente trabalhou meio ambiente, toda a questão da poluição na lagoa, a mortandade de peixes, a questão da poluição aqui do Rio dos Macacos, porque tem um grupo de alunos que mora aqui no Caxingulê. Isso tudo foi visto também. A gente vai trabalhando de acordo com que apareçam os problemas, as dúvidas.

H: *E como se dá a articulação desse tema da sexualidade? Com que outros temas ele pode ser articulado?*

S: Acho que com tudo. Acho que você, a sua sexualidade, envolve uma série de questões. O modo como você age, o modo como você participa, como você se envolve nas questões do dia-a-dia, no relacionamento com as pessoas, em tudo isso você está exercendo de alguma maneira a sua sexualidade. As atitudes prazerosas que você tem em relação à vida, até mesmo a questão do esporte, do lazer, em tudo isso você coloca para fora o que você é, como você encara a sua vida com o seu lado ou masculino ou feminino de ver a postura em relação a todas as temáticas. Acho que é uma coisa que está no dia-a-dia.

H: *E com o tema de drogas, por exemplo, há alguma articulação possível?*

S: Há, sem dúvida. Porque o próprio meio ambiente pode ser favorável ao uso, a questão da auto-estima, uma coisa que a gente trabalha muito, auto-estima. A questão dos valores, do exemplo, tudo isso fortalece a que o adolescente tenha vontade de praticar alguma coisa de bom para ele. Então isso talvez desvie um pouco a atenção dele em relação ao uso abusivo. Porque a gente sabe que, experimentar, eles experimentam. Alguns até fazem uso, principalmente de álcool e cigarro que é o que mais a gente vê. Álcool, então, eles experimentam desde pequenos, porque a família convive bastante com esse tipo de droga. Então a gente sabe que a gente não pode estar livre disso, mas pode fazer pelo menos com que ele compreenda que aquilo não é o mais importante. Existem outras coisas importantes e que ele pode deixar de usar para se dedicar à arte, ao esporte, a outras formas de lazer, ao próprio estudo.

(pausa para o recreio)

H: *A gente estava falando do Núcleo. Desde que o Núcleo surgiu aqui na escola, que diferenças ao longo desses anos você identifica?*

S: No comportamento dos meninos que fazem o Núcleo. Eles estão mais críticos em relação à escola, eles têm mais voz ativa, eles participam mais das atividades da escola. Eles são mais engajados, eles têm mais poder de reivindicação junto aos professores, e eles conversam com os colegas. Eles têm uma visão das questões de sexualidade, de prevenção, em todos os âmbitos, bem maior do que os outros. E eles sinalizam isso para os colegas. E é justamente o objetivo. A multiplicação é aí. É do grupo, dos participantes do Núcleo chegarem para seus colegas e colocarem essas questões da prevenção.

H: Então como você definiria esta questão da multiplicação?

S: Como uma coisa muito positiva, que faz com que o aluno tenha uma certa autonomia no grupo, e ele seja até capaz de ser um modificador de comportamentos perante os colegas, ou a própria família também. Alguns pais se mostram satisfeitos com o conhecimento que eles adquirem. Acho bastante positivo para eles. Eles se sentem importantes.

S: E como eles exercem essa multiplicação?

S: Bom, eles podem exercer de várias maneiras. Uma, produzindo os murais, seria uma multiplicação mais visual. Eles podem ter uma participação oral, (final de fita) dentro das salas de aula, na forma de seminário, e pode também ser também em forma de teatro, mas essa ainda não foi feita. Eles têm uma certa inibição. O grupo agora é um grupo muito jovem, muito imaturo e até para a exposição para o grupo fica difícil. Eles fazem mais informalmente.

H: Eles ficam inibidos?

S: Ficam muito inibidos. Eles são muito novinhos, os de mais idade não estão freqüentando por causa das outras atividades que tem, então eles são mais inexperientes e, apesar de estarem o ano todo, eu sinto que eles ainda não conseguiram se soltar a ponto de poder fazer um trabalho sem a minha orientação. Eles não são autônomos. A autonomia não existe neles ainda.

H: E que mudanças você observa no cotidiano da escola desde que o Núcleo está aqui?

S: A escola ficou assim mais... mais aberta para as questões em geral. Os alunos com essas informações eles, eu sinto que eles estão mais seguros com relação aos temas, mesmo só lendo ou então ouvindo as palestras que os colegas dão para eles na apresentação, que eles são convidados a participar de algumas, das campanhas, que são feitas nas turmas todas. Isso para eles é bom porque eles tiram dúvidas e deixa com que eles fiquem mais seguros. Eles participam bem, eles gostam.

H: E os professores, como eles vêem o Núcleo?

S: Acham bom, pelo menos tira um pouco do trabalho deles.

H: E como você vê a relação dos alunos que participam do Núcleo e dos que não participam?

S: É normal. Não há assim nenhum tipo de rivalidade, nem eles se consideram importantes por estarem nesse trabalho, porque é uma coisa de interesse mesmo. Então vem os que estão interessados. No início, há uma seleção, porque o número de inscritos é muito grande, mas depois, conforme uns vão saindo, os outros vão tendo oportunidade. Não vejo assim nenhum tipo de descriminação. Muito pelo contrário. Eles até gostam. Muitos até querem participar, mas geralmente a gente limita por causa da idade. Eu geralmente coloco a partir de 12 anos completos.

H: Como é feita a seleção?

S: A seleção é feita só por interesse. Eu não descrimino assim: não, não pode porque é mal aluno, porque não tem bom comportamento, ou porque é mal aluno em sala de aula. Nada disso. Ele vem por interesse dele. É claro que se ele chegar e não tiver um comportamento adequado, ele não fica. Ele não fica, porque os outros também não deixam. Ele é discriminado. Por mais que a gente tente não discriminar, mas se ele não tiver, se não conseguir se integrar ao grupo, o próprio grupo começa a isolá-lo, porque ele atrapalha. Aquele que atrapalha, não fica. Então geralmente a seleção é feita assim. Eu dou oportunidade a todos, mas ele tem que ter um compromisso. E dentro desse compromisso está justamente de ser solidário com os outros. Aquele que não é solidário, ele não fica. É claro que aparecem líderes, uns que querem aparecer mais que os outros, mas é tudo feito de uma maneira cordial. Não existe competição entre eles.

H: E, por exemplo, esse ano, tinha mais meninas no grupo do que meninos.

S: É verdade, eu só tinha 4 meninos no grupo e ficou reduzido a um menino só. E que agora esse menino está fazendo aula de informática. Quer dizer, é muito ruim quando não tem meninos, porque as discussões giram em torno do universo feminino. E não é esse o objetivo. O objetivo é que haja os dois tipos de opiniões. Mas sempre o número de meninos é menor. Sempre. Eu nunca consegui mais do que cinco.

H: E por quê?

S: Eles não têm interesse. Não sei se é por inibição, porque não gostam, se é a questão do compromisso, porque é um trabalho de um ano. Tem que vir duas vezes por semana, de manhã, fora do horário da escola. Isso talvez para eles não seja interessante. Eles preferem jogar bola, ver vídeo game, ver televisão, dormir que vir para o Núcleo.

H: E esse problema de evasão, de alguns terem saído, isso teve em outros anos também?

S: Menos. Sempre tem, mas esse ano foi muito grande.

H: E por quê?

S: Não sei. Eu não consegui sinalizar.

H: E você comentou que nos outros Núcleos também.

S: Também. Isso aí foi uma coisa geral. Eu conversei com outros colegas de outras CREs e eles também sentiram isso. Não sei o que aconteceu que os meninos, não é que eles sejam desinteressados, eles não querem ter que assumir um compromisso. Eles não querem ter que vir sempre. Eles querem vir esporadicamente. Mas o objetivo não é esse. É um compromisso. Eles têm que vir, tem aula. Eles gostam mais quando é só dinâmica. Quando você começa com os treinamentos, aí eles acham que é parecido com a aula, uma coisa muito formal. Eles querem informalidade o tempo todo. E não é só o objetivo. É você trabalhar o lúdico com o objetivo de ele compreender as temáticas mais aprofundadas. Mas, isso aí eu não sei explicar o porquê.

H: E tua achas que seria possível organizar o Núcleo mais, as atividades mais informais, os encontros mais esporádicos?

S: Não é permitido. Há um acordo, um contrato, eu tenho que ter oito horas semanais com eles, divididos em pelo menos dois encontros. Dois encontros de 4 horas. Quer dizer, isso me limita a dois dias por semana. Tem gente que pode fazer quatro dias por semana, mas não é o meu caso. Não posso dispor desses dias todos. Então seriam dois encontros de 4 horas. E é o que tem sido feito, dentro até mesmo do meu horário disponível e do deles. Mas eles no início eles vêm. Ainda está quente, é verão, mas conforme vai chegando o inverno eles começam a espaciar. Dia de chuva é um problema. Então os fatores climáticos também contribuem para essa ausência.

H: E como você organiza o trabalho que desenvolve no Núcleo? Quais são os temas...?

S: Eu começo com o tema de sexualidade. Depois da sexualidade a gente trabalha a questão de gênero e, em cima de gênero, vem a parte de doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, drogas, a questão da violência, dos fatores causadores (pausa).

H: A gente estava falando sobre quais são as atividades.

S: Sim, sempre, desde do início, o planejamento ele envolve uma dinâmica, geralmente de relaxamento. A gente coloca música, trabalho o corpo. E depois uma dinâmica que tenha a ver com o tema que a gente está desenvolvendo. Então todo esse trabalho é preparado anteriormente, visando que o aluno, a partir dessa dinâmica, ele esteja preparado para as discussões que virão a seguir. É claro que isso pode vir através de um vídeo, sobre um determinado assunto, e dali a gente discute ou eu entrego a apostila, se o assunto é mais teórico, como no caso de métodos anticoncepcionais, doenças sexualmente transmissíveis, as questões de gênero. Isso aí a gente pode trabalhar teoricamente, mas sempre visando a uma visão mais geral do assunto. Uma coisa assim mais cotidiana, vamos dizer. E normalmente a multiplicação é feita em um outro encontro. O primeiro encontro é mais para trabalhar o assunto propriamente dito. E no encontro seguinte a gente faz a multiplicação daquilo, que pode ser justamente a confecção de texto, de poemas, fazer uma apresentaçãozinha de uma peça, mural. Mas esse ano, basicamente eles trabalharam com mural. Essas outras opções não foram feitas. Apesar de que eles bolaram uma peça, mas a desorganização entre eles foi muito grande e eles não conseguiram levar adiante o projeto. O que foi uma pena, porque a peça estava muito bem elaborada. Era sobre o alcoolismo e outros tipos de drogas, drogas em geral.

H: Como você definiria o objetivo do Núcleo?

S: O objetivo é justamente levar o aluno a conhecer todas as questões teóricas da temática e saber como transmitir para o colega. Esse é o objetivo básico, que ele tenha condições de passar esses ensinamentos para os colegas com uma visão dele. Mas para isso ele tem que receber esses ensinamentos.

H: E quais os limites e as possibilidades de se atingir esses objetivos?

S: (silêncio) Eles são muito relativos. Isso vai depender do comprometimento do grupo, vai depender da faixa etária, da capacidade deles de absorverem essas questões e da facilidade que eles terão para poder transmiti-las. Quando um grupo, ele é mais dinâmico, e os integrantes são mais dispostos, vamos dizer assim, mais abertos, funciona melhor. Quando eles são mais tímidos, e eles têm uma dificuldade maior de compreensão, aí a limitação é grande. Mas a gente tenta trabalhar com todas essas variantes. Por isso que o Núcleo precisa ter um contingente grande de alunos, porque justamente existem aqueles que têm mais dificuldade e aqueles que têm mais facilidade. Cada um ocupa, às vezes, uma posição diferente. Isso permite que o trabalho seja feito de uma maneira mais efetiva. Quando o grupo é mais tímido ou mais imaturo, aí a limitação é grande. Como é o que eu tenho no momento.

H: E que diferenças você vê no trabalho do Núcleo e no trabalho em sala de aula?

S: O Núcleo é um espaço, um espaço assim sem um comprometimento, a princípio, de cobrança, de nota. Não tem nada disso. Então ele fica um espaço mais fácil do aluno se posicionar. Porque apesar que você tem um trabalho a ser feito, uma temática a ser desenvolvida, ela tem um tempo mais dilatado para isso. Então as discussões podem ser mais lentas, mais trabalhadas. E eles têm tempo suficiente para poder discutir e colocar o seu ponto de vista. Enquanto na sala de aula, você tem um tempo menor, tem 50 minutos. Às vezes você tem um encontro daí a dois dias, aí o assunto às vezes morre na hora em que ele está mais aflorado. Enquanto aqui não, você tem 4 horas. Em pelo menos duas horas eles podem falar, esgotam até aquilo que eles gostariam de dizer. Então esse espaço é importante até fora do horário por causa disso. Para dar condições que o aluno possa se expressar, possa se desinibir e possa discutir com os outros de igual para igual. E aprender a ouvir bastante para tirar suas conclusões.

H: E como os pais dos alunos vêem a participação deles no Núcleo?

S: Acho que eles gostam, porque eles não se manifestam, não comparecem às reuniões quando convocados. Pelo menos os meninos vem. No início, quando eles se inscrevem, eles levam um comunicado aos pais com autorização para que eles venham. E nesse comunicado vem dizendo quais os objetivos, quais são as temáticas a serem trabalhadas, o que se espera deles. E pedimos também que eles assumam o compromisso de mandarem os filhos, evitando que eles faltem. Mas isso não acontece. Eles faltam para ir ao supermercado, para ir ao *shopping*, para acompanhar a mãe ao médico. O compromisso deles fica comprometido pela própria família.

H: E você saberia caracterizar, ou há essa possibilidade de caracterizar o aluno que participa do Núcleo? Em termos, sei lá, de interesses, classe social...

S: Não é diversificado, eu acho que é mais interesse pessoal. Eles vêm porque eles gostam. Eles querem aprender a respeito dessas temáticas. Eu acho que o objetivo maior é a prevenção. Eles querem aprender a se prevenir. Talvez seja adolescente que tem mais preocupação com a sua saúde, ou talvez eles sejam assim mais vulneráveis, talvez eles queiram se fortalecer no grupo, talvez tenham medo. Não fica claro porque eles não colocam. Mas a gente sente que é uma questão de interesse deles e eles querem aprender para se prevenir, para ser resguardar.

H: E como você significaria, que significado tem o trabalho de orientação sexual na escola? (silêncio) Explicar alguma coisa nesse sentido.

S: Como...

H: Qual o significado de um trabalho de orientação sexual na escola?

S: O significado é importante. Eu acho que é uma coisa que deve ser trabalhada, deve ser vista, não só por um tipo de professor, mas por todos. Acho que é um trabalho integrado, é um tema transversal, ele tem que ser desenvolvido. E acho que isso é bom, porque permite que o aluno aprenda, desmistifique muita coisa e saia pelo menos com um conhecimento de como preservar a sua integridade física, emocional, e estar apto a poder ser feliz, a viver os momentos prazerosos sem culpa, sem preocupação de sofrimento, qualquer coisa assim. Acho que é importante. A gente não vai resolver tudo, mas alguma coisa pode ficar.

H: E em relação aos temas transversais, os PCNs. Que tipo de penetração eles tiveram na escola?

S: Olha, eles tiveram uma penetração assim razoável. Porque as questões como saúde, meio ambiente, valores éticos, a questão de direitos humanos, da solidariedade, todos esses temas, que são os temas dos PCNs, eles são desenvolvidos na escola. Creio eu que a orientação pedagógica da escola ela vem colocando isso no projeto político-pedagógico da escola e isso parece que está dando certo.

H: E você acha que é por causa dos PCNs que eles passaram a ser trabalhados?

S: Eu acho que sim. Porque até então, se faziam, cada um fazia por sua própria conta, se é que faziam. A questão dos valores a gente já vem trabalhando há alguns anos. Acho que antes dos PCNs, antes de ser introduzido nos temas transversais, a questão da orientação sexual, da sexualidade em Ciências já vem sendo trabalhada há algum tempo. A questão do meio ambiente também a gente trabalha, mas é mais específica, não uma coisa coordenada em que todos os componentes participem de maneira intergrada.

H: Você levantou alguns temas que seriam mais os temas transversais que aparecem nos PCNs. E essa área mais disciplinar, que aparece em Ciências, Português, Educação Física, são importantes também, trouxeram mudanças para o trabalho na escola ou não?

S: Não, não percebi, não. Talvez a orientação pedagógica tenha mais subsídios para dizer para você. Dentro da minha área de Ciências, a minha visão agora é diferente. O que eu trabalho em sala de aula, graças a esses treinamentos, a essa atividade do Núcleo de Adolescentes, ficou um pouco diferente. Porque eu uso algumas técnicas do trabalho desenvolvido no Núcleo na sala de aula. Sempre que eu posso, eu coloco alguma coisa. É esse o objetivo para o professor treinado, para que ele não use somente no Núcleo, para que ele faça na sua prática diária.

H: Então poderia dizer que as contribuições que os PCNs trouxeram, as mudanças que eles trouxeram, seriam mais relativas aos temas transversais?

S: Não posso dizer isso. Não posso falar isso, porque eu não posso dizer pelos outros. Com relação a mim, a mudança que houve não foi por causa dos PCNs, foi por causa do meu treinamento. Da minha prática no Núcleo. Isso mudou a minha concepção, meu modo de ensinar Ciências.

H: E você chegou a ler?

S: Não. Dos PCNs eu não li.

H: E nesses cursos de formação eles também não foram utilizados?

S: Não. Eles são falados, mas não assim usados no texto, vamos dizer assim, o documento.

H: Conta um pouco para mim sobre a sua formação, onde você fez faculdade, que cursos fez?

S: Eu fiz faculdade na atual UERJ, antes era Universidade do Estado da Guanabara, UEG. Minha formação é Curso de História Natural, licenciatura plena.

H: Você se formou quando?

S: 74. De lá para cá, dentro dessa parte. Durante a faculdade, eu fiz cursinhos no antigo Centro de Ciências da Guanabara, que era chamado de CeCiGua, que hoje é CCUERJ, tem outro nome, eu não sei mais. Cursinhos específicos assim. *Pedrografia* da Guanabara, para trabalhar com rochas, parte de aves, de mamíferos, essas coisas, mais voltado para a prática de sala de aula. Aulas práticas. E não fiz grandes cursos, não. Fiz curso no Jardim Botânico, não tem nada a ver, que eu pretendia fazer mestrado em Botânica, mas desisti. Depois eu vi que não era nada disso, vi que eu gostava de dar aula mesmo. Só com o Núcleo de Adolescentes que eu passei a fazer cursos. Porque eu tinha filho pequeno, então eu estava mais preocupada com o trabalho com ele, a dar mais atenção. Então quando ele ficou maiorzinho, que é justamente de 8 anos para cá, 7 anos para cá, que eu comecei a me envolver com outras atividades.

H: E esses cursos foram bons?

S: Foram ótimos! Todos têm sido, os treinamentos são muito bons, os encontros, as palestras. Isso é bem engrandecedor. Eu acho que contribuem bastante para o meu crescimento, uma visão diferente de como ser educador. Hoje eu sou mais educadora do que professora. Eu acho que minha função hoje é mais colocar os meninos no contexto da sociedade. É claro que tem o componente de área, o programa que tem que ser cumprido, mas eu tento passar para eles uma visão melhor da vida, para que eles sejam pessoas melhores no futuro.

H: Então essa formação continuada se intensificou depois da formação do Núcleo?

S: É, depois de 99 para cá. Vamos dizer assim, 97 eu fiz o projeto AIDS e a Escola. Aí depois disso apareceram alguns encontros para a gente ir, de treinamento de acompanhamento ou mesmo de reciclagem, mas foram poucas coisas. O maior mesmo foi após 99.

H: E além de cursos, palestras, você utiliza algum outro recurso em termos de formação?

S: Não. Só mesmo assim leitura, livros que eu compro, revistas científicas. Eu ficou muito dividida entre a Biologia propriamente dita, que é o conceito teórico e essa prática. Porque é claro que o conhecimento teórico me facilita bastante, mas a metodologia, ela é diferente. Então eu consigo trabalhar essa metodologia nova, esse novo método de dar aula, com o ensino fundamental. No ensino médio, eu não consigo fazer isso. É uma coisa que eu gostaria de poder também fazer, mas eu não consigo.

H: No Estado você trabalhava com ensino médio? E essas questões aparecem?

S: Aparecem. Aparecem e eu tento colocar com essa visão metodológica que é nova para mim. Funciona, mas eu não consigo fazer muita coisa. Faço alguma coisa, mas pouco.

H: E por quê?

S: Por causa do tempo. O tempo e o número de alunos que é muito grande, que são 47. A turma menorzinha tem 40. É muito grande.

H: É uma loucura. Silvana, acho que é mais ou menos isso.

Entrevista 701-7**Nomes fictícios: Selema, Manfred, Beyoncé****Data: 05.12.02****Local: Sala de Leitura****Duração: 1h20 min***H: Então vamos lá. Quantos anos vocês têm?*

M: Meu nome é Manfred, eu tenho 13 anos.

S: Selena, eu tenho 14 anos.

B: Beyoncé, eu tenho 15 anos.

H: E vocês moram aqui perto da escola?

S: Eu moro em São Conrado.

B: Eu moro em Santa Tereza.

M: Eu moro em Botafogo.

H: E como é a casa de vocês?

S: A minha é simples, pequena.

M: A minha casa tem um quarto, uma sala, uma cozinha, uma varanda.

B: Não tem banheiro não?

M: E tem um banheiro.

S: A minha tem uma sala, é tudo misturado. A sala e a cozinha misturado e o quarto separado. No caso, tem dois cômodos.

B: O meu quarto, uma sala, cozinha e banheiro.

H: E vocês moram com quem?

S: Eu moro com a minha mãe e minhas duas irmãs.

H: São mais velhas ou são mais novas?

S: São mais velhas.

H: Quantos anos elas têm?

S: A Andréa tem 20 e a Adriana tem 18.

M: Mora eu mais 4 pessoas. A minha tia, meu primo, a minha mãe, eu e o meu irmão.

H: Teu irmão é mais velho, né?

M: Não, é meu irmão do meio.

H: Quantos anos ele tem?

M: Ele tem 17 anos. Vai fazer 18 ano que vem.

H: E tu tens um irmão mais velho que não mora contigo, é isso?

M: Não, meu irmão mais velho mora com a avó dele. Ele tem 20 anos.

B: Eu moro com a minha mãe e minha irmã.

H: E tua irmã tem quantos anos?

B: 21.

H: E vocês gostam aqui da escola?

M: Eu gosto.

H: Do que vocês gostam?

M: Gosto da comida da escola. É, um pouco, não muito. O lugar que eu mais gosto na escola é a sala de leitura.

S: Eu também.

M: Ficar olhando as revistas, vendo os livros.

H: Vocês vêm bastante aqui?

V: Ah.

M: Não, eu não venho muito não, porque às vezes eu pego livro, fico 3 meses, aí não tem como vir.

B: Ai tem que fugir!

M: Venho de vez em quando dar uma olhada nas revistas.

H: E você, Beyoncé?

B: Eu gosto das amizades.

H: E vocês gostam mais de qual matéria?

B: De Educação Física, que eu não faço.

(Risadas)

S: Eu gosto de História.

M: Eu gosto bastante de Português. Na verdade, eu gosto bastante de todas as matérias, principalmente de Inglês.

S: Eu gosto de Inglês, que é bagunça.

M: Meu sonho é fazer um curso de inglês e de informática.

H: E vocês gostam de qual professor mais?

B: O Marcos, de Geografia.

S: É, o Marcos.

M: Eu gosto do Marcos e do Sandro, porque eles são bem extrovertidos. E divertem a turma, não fica aquela aula monótona. Eles dão a matéria, brincam com a gente, contam história. E não dá aquela bronca, não deixa a gente sem graça, não fala que a gente é (?) de educação.

B: O Sandro não dá bronca?

M: Não, ele não é de expulsar a gente, falar: “sai da sala!” O professor de História uma vez me deixou um tempo tomando água. 50 minutos tomando água. Mandou eu tomar água e me deixou lá tomando água.

B: O Marcos também.

H: *E tem algum professor que vocês não gostam?*

S: Eu não gosto do professor de Educação Física. Eu acho ele muito irritante.

B: Eu também não. Ele é muito grosso.

M: De professor, eu gosto da professora de Português, a Márcia. Professora que eu sempre gostei foi a professora [Eliane], nossa professora [de Português] na 5ª e na 6ª e da [Marta], professora de matemática, eu gostava dela. Aí depois, indo para a 7ª, mudou os professores. Aí a gente não teve mais aquele contato. Mas sempre que tenho uma pergunta de Português, eu vou lá e pergunto para a professora [Eliane].

(interrupção)

M: Gosto também muito da professora Elis, de Inglês. Mas eu não estou gostando muito dela não, porque ela não está traduzindo as músicas para mim. Na verdade, ela nunca traduziu a música para mim. Mais assim nomes de músicas, palavras que eu não sei. (?)

H: *E o que vocês gostam de fazer quando vocês estão em casa?*

M: Eu fico vendo televisão, MTV, para ver clipes, Multishow, canais que passam clipes. E quando não tem nada para fazer, nada, nada, eu fico escutando meus CDs que eu tenho.

H: *E novelas, você gosta de assistir?*

M: Antigamente eu acompanhava novela, agora não acompanho mais não. Aquele grupinho, época de namorar. Todo mundo está namorando. (?) dar um jeito de desenhar. Nós dois que estamos encalhados, mas não (?) nada não.

H: *E vocês, o que vocês gostam de fazer em casa?*

S: Eu gosto de escutar rádio. Ir para a praia é muito bom. De noite, eu gosto de ir de noite.

B: Eu gosto de escutar música, desenhar, às vezes sair, músicas também.

M: A Beyoncé, ela é ótima compositora.

B: Eu nunca te mostrei.

M: Não, já me mostrou duas. Desenhista, eu posso dizer que ela é ótima desenhista, porque ela já me mostrou vários desenhos. Ela desenha muito bem.

H: *Vocês assistem televisão?*

M: Bastante.

H: *O que vocês gostam de assistir?*

S: Programa de clipe, novela.

B: Programa de clipe e novela também.

M: Eu acho que o melhor programa de informação que eu gosto de ver mesmo é o Canal Futura.

(troca de fita)

H: *Semestre passado vocês tiveram aulas com a professora Silvana sobre sexualidade e tal. O que vocês lembram dessas aulas?*

M: Eu lembro assim de algumas coisas. Eram boas as aulas dela, porque a gente podia perguntar, ela respondia. Enrolava, entrava num assunto e não saía daquele assunto. Explicou muito bem a matéria, tirou muitas dúvidas que eu tinha. E tudo que ela falou eu passo para os meus colegas, para algumas garotas que eu conheço. Minhas amigas também têm bastante informações. Algumas são bem crianças, mas algumas têm bastante cabeça e sabem bastante.

H: *E que dúvidas tinha sobre esta questão?*

M: Em relação às doenças sexualmente transmissíveis. Sobre as prevenções. Principalmente ela deu aula para as meninas.

S: Sobre os métodos anticoncepcionais que a gente não sabia.

M: Os meninos arrumam a garota, vão logo e não querem nem saber. Enquanto as garotas tomam mais precauções. Ela explicou tudo, como é o período fértil, como fica grávida, as prevenções para não ficar grávida, para não pegar doença. A melhor proteção para não pegar nenhuma doença é a

camisinha. Aí ela explicou como colocava a camisinha, muita coisa. Muitas informações novas para a gente.

H: *E vocês, o que vocês lembram?*

B: Praticamente tudo o que ele disse.

H: *E vocês gostaram dessas aulas?*

S: Eu gostei.

B: Gostei.

H: E você falou que essas aulas foram mais para as garotas, sobre os métodos de prevenção...

M: Não sei, o corpo da mulher parece que é mais estudado do que o do homem. Mais isso, mais aquilo para estudar. Muito risco que tem. Quem faltou às aulas perdeu muita informação. Se algum dia por aí, tiver alguma doença, tiver filho sem esperar, é porque não prestou atenção na aula. Explicou como colocava, com utilizava os métodos anticoncepcionais. Muitas informações. Ela tirou as dúvidas que eu tinha sobre as doenças. Muitas doenças eu sabia por nome, mas não sabia o que provocava, os sintomas. Aí foi bom também, eu gostei. Apesar de que eu faltei algumas aulas. Mas eu tentei pegar depois, o que ela falou. Esse ano não está muito bem, eu estou mais assim para a reprovação. Mas toda aquela fé de passar, nem que seja muito fraco, mas eu não quero passar por essa experiência: estudar e voltar o ano todo e aquela mesma matéria. Os professores pensam que eu não me esforço. Eu me esforço, na maioria das matérias, principalmente Ciências. Todos os livros eu jogo fora, mas o de Ciências eu guardo. Eu gosto de ficar lendo depois.

H: *E essas doenças que ela falou, vocês acham que mulher pega mais do que homem ou não?*

(silêncio)

M: Iguamente.

B: Eu acho que homem pega mais.

S: Acho que é igualmente.

M: Não, eu acho que o homem que leva a doença para a mulher. Às vezes ele pega da mulher, aí ele sai com várias mulheres e aí de uma pessoa só, ele vai passando para milhares. Quer dizer, milhares também não. Umas 10 mulheres. Então, na maioria é o homem que traz a doença. Na minha opinião.

H: E acontece o contrário também às vezes?

S: É, acontece.

M: Aquelas mulheres que são meio saidinhas, aí sai com um, sai com outro. Eu encontro muitas lá onde eu moro, mas... Teve suspeita de que algumas estavam com AIDS. Teve uma que era muito minha amiga, muito mesmo. Aí agora a gente parou de se falar. Então ela perdeu a virgindade, sem camisinha. Usou camisinha, depois teve suspeita de que ela estava grávida e aí ela apanhou muito da irmã dela. Aí criou um ovo na barriga dela e depois desceu uma crosta de sangue. Aí ela suspeitou que estava grávida. Ela não queria muito que eu soubesse, porque se eu soubesse eu ia contar para minha mãe. Minha mãe conversa muito com a mãe dela. Acabou que minha mãe soube antes de mim, aí minha mãe foi lá e falou com a mãe dela. Aí a mãe dela colocou ela para fora, mas agora ela já está bem.

S: Botou ela para fora?

M: Botou ela para fora de casa. Ela com as malas dela.

H: Por quê? Por que ela tinha engravidado?

M: Não. Uma parte ela colocou a culpa na mãe dela e a mãe dela colocou a culpa nela mesmo. Ela falou que sempre chamou a mãe dela para conversar. A mãe dela sempre deixou para depois. Nunca falou: "vamos conversar agora". Sempre ficou esperando depois, depois, depois. Aí chegou o dia que ela perdeu a virgindade dela e a mãe dela achou que ela estava errada, que ela tinha traído a confiança dela. Mas eu não sei, se ela pediu para conversar com a mãe dela antes e, se a mãe dela não deu atenção, a mãe dela não pode cobrar nada. Ou a mãe dela não liga o que ela faz. Ela sai com um monte de garotos. Qualquer um que chegar e conversar com ela, ela vai saindo. Transa sem camisinha.

S: Voltou para casa?

M: Voltou. Minha mãe gosta muito dela. Uma vez ela disse que queria ser filha da minha mãe. O sonho dela era ser filha da minha mãe. Aí depois a minha mãe brigou com ela. Aí a mãe dela não queria ela na minha casa. Porque ela falava que ia na minha casa, aí fugia, disfarçava e aí ia para a casa dos meninos.

H: *E de quem vocês acham que é a responsabilidade de usar camisinha, da garota ou do garoto?*

SB: Dos dois.

M: Mas eu acho que, como eu estava falando, as meninas, se elas não se preocuparem, elas vão pegar muitas doenças. Porque os meninos não ligam para nada.

S: Então, eles são muito despreocupados.

M: A gente não vai ligar para nada, a gente vai trair transando com qualquer uma. Não quer nem saber se a gente vai pegar doença ou não, vai usar camisinha ou não. Eu sempre penso. Eu nunca transei ainda não, mas eu sempre penso de já ter bastante camisinha guardada já.

[Meninas riem.]

H: Mas vocês acham que os meninos não se preocupam com doenças?

M: Alguns se preocupam bastante. Tem pessoas que pode ser a mulher mais maravilhosa do mundo, que só transa com camisinha. Alguns dos meus amigos só transam com camisinha, que eu conheço. Agora amigos mais velhos. O mais velho tem 21 anos. E aí o mais novo tem 12, quer dizer 13. É alguns meses mais novo do que eu. Aí a gente conversa bastante. Procuro sempre alertar as garotas que ficam por ali. A gente tem bastante amizade, eu fico bastante aberto a ela. Dia 1º de dezembro é o Dia Internacional de Combate à Aids. Aí shows, milhares de manifestações pelo mundo. Eu assisti a algumas palestras que tiveram.

H: Palestras aonde?

M: Na MTV. O dia inteiro passou negócio sobre a Aids. Teve festa, teve show, muita coisa.

H: Vocês assistiram também?

SB: Sim.

M: Eu não assisti tudo, mas uma boa parte eu assisti. Procuro ler livros, cartazes que falam sobre doenças.

H: E as garotas e os garotos se preocupam com essa questão da gravidez também?

S: As meninas sim.

B: Eu acho que os garotos menos. Porque depois é só ir embora.

M: Os garotos, nós. Os garotos não sei, mas eu posso falar por mim. A gente não pensa muito em engravidar. Na hora a gente não pensa em nada, só pensa em transar, transar, transar. E aí. Apesar de que eu nunca transei, mas eu já sei dessas histórias. Aí só pensa nisso e depois que toma consciência. Um colega meu, ele tem 17 anos. Quando ele tinha uns 16, foi ano passado. Ele foi na casa da avó dele. Aí lá ele transou com uma menina. Aí esse ano ele foi lá, falou que a menina estava grávida, tem uma filha. E a avó dele disse que a filha era dele. Eu falei, você não pode ter certeza. Em um ano, ela pode ter transado com outra pessoa.

S: Faz exame de DNA.

M: Vai para o Ratinho. Fazer o exame. Segundo a avó dele, a menina parece ter muito problema. Ou você assume, não sei. (?), você assume a criança. E a mãe dela já não gosta dele. Já é um motivo, que diz que ela é filha dele. Eu ainda não vi, mas estou querendo ver ela. E aí, depois vai tomar consciência. Até que ele ficou feliz. Já o meu irmão, ele foi pai e a mãe dele disse que o filho não era dele. Meu irmão por parte de pai. Então no começo ele ficou meio, aquele negócio de consciência pesada, chorou, fez aquilo, aí meu pai foi, chamou ele e falou: “Eu nunca te criei, eu nunca fiz nada por você. Mas agora eu posso te dizer, você vai ter que assumir, porque na hora de fazer não foi bom? Então agora vamos assumir a criança.” Aí ele foi lá assumiu, registrou a criança. Tem uma grande mágoa com o meu pai. Não sei, briga dele. Briga de família, como sempre. Ele diz que meu pai gosta mais de mim do que dele, porque eu sou filho caçula, de pai e de mãe. Aí ele diz que meu pai gosta mais de mim do que dele. Eu já não acho nada disso não. A gente nunca brigou. Até, quando ele tinha 12 anos, não, até os 14 anos ele não falava comigo. Nunca tinha falado um “oi” comigo, nem eu, nem ele, nunca tínhamos falado um “oi”. Aí depois quando ele fez 14 anos, ele me chamou, nós conversamos. Até hoje a gente é amigos, eu vou lá ver minha sobrinha. Ela está muito linda! Ela puxou bastante a avó dela, a mãe dele. Agora ele assumiu.

H: Mas de quem é a maior responsabilidade de prevenir a gravidez?

M: Eu acho que é dos dois, mas principalmente das mulheres, porque elas que engravidam. Não os homens. Os homens fazem e não assumem. As mulheres engravidam e são obrigadas a assumir. Algumas dão, aí depois arrependem. Aí antes de ter filho é melhor tomar consciência. Dar o filho para os outros, aí depois procurar e não achar nunca mais. Fica aquela mágoa no coração. Morrer e nunca ter visto o filho crescer e nascer e tudo mais. É pior do que um filho seu morrer.

H: E essa questão do aborto, qual é a opinião de vocês?

B: Eu acho errado.

S: Eu também. Acho que ninguém deve tirar a vida de outra pessoa.

M: É, porque ninguém pediu para nascer. Ninguém pediu. Como ninguém pediu para ter o nome que temos. Eu acho que (?), se os pais escolheram os nossos nomes, a gente deveria escolher os deles.

H: Mas é comum as pessoas fazerem aborto?

M: É muito comum.

B: Eu acho que agora está se tornando comum.

H: E vocês conhecem alguém que tenha feito?

B: Eu conheço.

M: Eu conheço, a minha mãe.

S: Eu não conheço, não.

H: E fizeram como, vocês sabem?

M: Uma mulher lá que ela conhecia, fazia, dava um chá para ela tomar. Minha mãe, a única coisa que ela se arrependeu é que ela só tem filho homem. Foi a última vez, que ela estava com o meu pai, aí ficou grávida. Aí ela não sabia, ela pensou que era outro menino e foi abortar. Aí quando ela soube era uma menina. Então ela chora, até hoje ela tem essa mágoa. Até hoje ela não se conforma. Aí de lá para cá ligou e não pode mais ter filho. Mas o sonho dela mesmo era ter uma filha mulher. Então agora, como o sonho dela não pode ser realizado, eu falei com ela para adotar. Mas ela falou que não quer adotar uma criança. Ela já pensou nessa possibilidade. O sonho dela é que todos os filhos dela, pelo menos um dos filhos dela, faça uma filha mulher. Se for menino, ela vai gostar muito, mas se for menina, ela vai dar todo amor e carinho.

H: E você, Beyoncé?

B: Bem, eu não sei exatamente como foi. Porque era uma amiga minha, aí depois eu fiquei sabendo que ela estava grávida, aí minha mãe não quis que eu ficasse encontrando com ela e tudo mais. Aí eu fiquei sabendo depois que ela tinha abortado a criança. Mas eu não sei quais foram as condições.

H: E porque tua mãe não queria que tu andasses mais com ela.

B: Porque ela era assim, ficou bem conhecida na rua, como a piranha. Ela saía com todo mundo e tudo mais. Minha mãe não queria mais que eu ficasse com ela.

H: Porque ela engravidou?

B: Também.

M: Esse negócio das mães. Tudo bem que a mãe não quer que a filha transe, até uma idade. Depois dos 15 aí a mãe deixa, a filha dela tem aquela festa, toda bonita. Nem toda a pessoa pode ter, mas quem tem adora. Aí a filha se perde antes dos 15, aí a mãe faz aquele drama. Uma vez, não sei quem falou, que a gente cria os filhos para o mundo, não para a gente. Se cria homem, aí acha normal. O homem pode transar com quem quiser que o pai ainda se orgulha. Agora se for uma menina, tem aquele chororó, aquele drama. Eu acho que devia ser direitos iguais. Meninos e meninas.

B: Só se for menino mais novo ficar com menina velha.

M: Mas eu acho que é errado.

H: Aí o que, pega mal?

B: Pega. Acho melhor ser da mesma idade.

M: Eu prefiro um menino novo pegar uma mulher velha, do que aqueles homens velhos, 50 anos, pegando uma garota de 12 anos. Para mim é estupro.

H: E se for uma mulher de 50 anos com um garoto de 12?

M: Também acho, também concordo. Eu acho que uns 7, quanto menos idade tiver de diferença, melhor. Mas não precisa ser com uma pessoa experiente não. Uma pessoa que você gosta. Minha mãe fala assim. A idade: “ah, vou perder minha virgindade com 21”, aí acaba perdendo com 12, 14. Antigamente, na época da minha mãe, da minha avó, quando ela era moça e jovem, isso era um absurdo. Era caso até de morte. Da minha bisavó ainda, de Minas, dava até morte lá, se a menina transasse, tinha que casar e tudo. Hoje em dia não, a menina transou, é isso mesmo, fica por isso, por aquilo. E as mães que prendem muito acaba... E fala mal da filha dos outros, aí a própria filha transou, não é mais virgem. E aí continua falando da vida dos outros. Então isso também é errado.

S: Eu acho que quanto mais proíbe, com mais curiosidade a pessoa fica.

M: É, se prende muito dentro de casa, vai acabar a garota se perdendo dentro de casa. Chegar e ela está em cima da cama com o homem e a surpresa vai ser pior.

H: O que significa se perder?

M: Se perder, perder a virgindade.

H: E o garoto se perde também?

M: É, perde a virgindade, mas não tem como saber se se perdeu ou não.

S: É.

H: Mas se usa esse termo? Eu ouvi você dizendo “a garota se perdeu”. Usa esse termo para dizer o garoto se perdeu ou não?

SBM: Não.

B: É diferente, é um machismo.

H: Porque é diferente?

M: Para a gente é diferente. Eu não sou machista. Eu não tenho preconceito contra ninguém. E aí, costumava ter preconceito, mas agora eu não tenho preconceito contra ninguém. Principalmente contra negro, eu não sou preconceituoso. Porque, tenho amigos que são negros. Minha avó era negra. A minha bisavó era morena, mas a minha bisavó por parte de pai, minhas tias são negras. Então. Eu também não sou branco, branco. Eu sou moreno, eu sou praticamente negro.

B: A família da minha mãe é negra, a família do meu pai é branca.

S: A minha também. Da minha mãe é branca e do meu pai é negra.

M: A irmã dela (Selena) é bem branca. Bem parecida com ela, mas branca, branca, branca.

S: É, chama ela de gaspa. (Risadas).

M: A irmã dela é muito legal, adorei conhecer a irmã dela.

H: E com que idade vocês acham que as garotas estão perdendo a virgindade e os garotos? B: Por agora.

M: Dos 12 aos 14 anos. Algumas com 11. Lá onde eu moro, muitas garotas já se perderam com 12 anos. Pessoas que foram criadas comigo, assim. Alguns (?) já transaram. Aí, a gente conversa bastante sobre isso. Eu nunca transei, mas já quase chegamos lá. Mas a gente ainda não chegou ainda não.

H: *E essa pessoa era quem, era uma namorada...?*

M: Não, foi com uma “ficante”, uma pessoa que eu conheci no mesmo dia. Aí uns três dias depois, a gente resolveu que ia ser, mas aí teve aqueles curiosos que chegaram e atrapalharam. Depois com uma prima, quase também foi, mas não foi.

S: Prima dela?

M: Não, minha prima. Minha prima era muito assanhada, ela dava em cima de todos os primos. Quando a gente era pequeno, a gente fazia muito isso, mas depois de grande não. Toda vez. Éramos três primos, eu, mais dois primos e ela, normal, ficava nua. Crianças. Curiosidade de experimentar. (?) (?) uma reportagem sobre crianças, que as pessoas, adultos chegam, chamam as crianças. Porque tem aquele história que criança é inocente, então a criança vai. O homem chegou, inventou uma história do cachorro, que tinha sumido, e as crianças, ficou com uma dor no coração. E as crianças acreditavam que ele tinha perdido o cachorro. E iam atrás dele. A mulher perdeu o trauma dela, porque foi o que aconteceu com ela. Ela foi estuprada com 8 anos. O cara chegou com a história de que o cachorro tinha sumido, ela foi com ele, chamando o nome do cachorro. Aí ele foi, tirou a roupa dela e estuprou ela. Ela tem trauma até hoje. Isso foi lá nos Estados Unidos. Eu estou vendo, mas já entendo bastante.

H: *E vocês acham legal ter uma primeira relação com quem?*
(silêncio).

B: Com alguém com quem você se sente bem. No momento em que achar certo.

H: *Precisa ser um namorado ou pode ser um “ficante”?*

S: Pode ser um “ficante”. Minha mãe quer que eu case virgem, mas eu acho que eu não vou fazer isso, não.

M: Eu já estou nessa lista, heim?! Não, apesar que eu nunca fiquei com nenhuma, assim. Não, a coisa que eu mais acho engraçada é acontecer com seu amigo, ou então com aquela sua amiga, que você conta tudo. Desde criança é criado por aquela pessoa. Chega, você vai, namora com ela, transa com ela.

B: Porque é romântico!

M: E, como eu, aquele negócio com a minha prima e com a outra garota, eu não consegui olhar depois na cara delas. Eu não consegui olhar na cara delas. Aquela vergonha de falar com elas! Parecia que eu nunca tinha visto elas. O mundo inteiro sabia que tinha quase acontecido.

H: *Tudo muda sabia, porque, porque tinham visto?*

M: Não, algumas pessoas viram. Eu estou procurando ainda. Eu sou muito tímido, então eu não chego nas meninas. Aí, para mim, um namorado, entendeu.

H: *E essa coisa de arrumar namorado como funciona? É a garota que procura o garoto ou o garoto que procura?*

B: O certo seria o garoto procurar a garota.

S: Só que agora eles estão sem atitude.

M: E as meninas estão mais evoluídas, elas vão. Mas eu acho que está certo. Já que a garota olhou para aquele garoto, ela gostou dele. Já que ele não deu bola para ela, nem olhou para ela, ela vai?

S: Não, olhou, mas...

M: Não teve aquela coisa. Ela vai em cima dele, dá uma piscada, uma olhada, passa bem perto dele, joga um charme. A gente fica com vergonha, a gente pensa que vai tomar um fora. Tomar um fora é muito horrível. Eu nunca tomei nenhum. Por isso eu sou muito tímido. Acho que quando eu

partir na primeira vez, eu vou tomar um fora. Já pensou, chegar em uma garota e a garota falar assim (?)

H: *E vocês tem namorado?*

B: Não, eu não.

S: Eu também não.

H: *Tem alguma paquera?*

SB: Tem. (Risadas.)

H: *E eles são aqui da escola?*

S: Não, da escola não.

H: *E eles são mais velhos, mais novos?*

S: Acho que é mais velho.

B: Mais velho.

H: *Vocês já falaram com eles?*

S: Eu sei só o nome, que eu descobri por acaso.

M: Já a história da Beyoncé, ela ia ficar com ele, mas aí ele pediu um beijo para ela, ela falou “Não é muito rápido, não?” Aí ele foi embora. [ela ri] E ela amava ele. Como ela conseguiu fazer isso é impressionante. Ele pediu um beijo a ela. E ela pergunta se é muito cedo. E ela espera aquele beijo há meses, há anos.

B: Não foi isso.

M: Da 5ª a 6ª, eu gostava de uma pessoa da escola. Aí depois que eu parei de gostar da pessoa, eu fui lá e perguntei para ela.

B: Pode revelar quem é?

M: Ah, não sei. É da turma.

BS: É da turma?

M: Não, agora ela não estuda mais com a gente não.

S: Então fala.

M: No começo da 5ª série, quando eu vim para cá. Todo mundo gostava dela. Eu nunca achei graça nela. Eu achava ela sem sal. Mas nunca gostei daquela garota. Cuspi para o alto e caiu na minha testa. Acabei gostando dela. Mas eu nunca fiquei com ela, não. Depois eu parei de gostar dela. Aquele negócio cansou. Aí, aí eu vi que não tinha chance. E ela era muito minha amiga, ela me contava tudo. Ela gostava de um garoto. Eu ia lá, falava com ele que ela queria ficar com ele. Mas ficava doido. Mas falava, eu nunca queria demonstrar que eu gostava dela, para não me humilhar. Aí eu parei de gostar dela, aí eu contei para ela. Ela ficou feliz e tudo, mas depois eu não gostei mais dela.

H: *E os pais de vocês, mãe, conversam com vocês sobre coisas ligadas a sexo, sexualidade.*

S: Minha mãe, não.

B: Minha mãe não.

M: Minha mãe já me proibiu de andar com algumas pessoas. Alguns garotos lá que diziam que eles eram *gay*. Na verdade, não são. Ainda não se decidiram. Não sabia que era pai, foi pai agora. Ela já estava falando que eu andava muito com ele.

H: Ela não queria que tu andasses muito com eles, porque eles eram gays?

M: Não, porque diziam que eles eram *gays*. Eu falei: “Mãe, eu nunca gostei de homem, então eu não vou ser *gay*. Portanto, se eles quiserem, o que eles estão dando é deles.” Se eu gosto de mulher, sempre gostei. Algumas pessoas dizem ainda que eu não gosto. Aí implica, tem aquele negócio, mas... Eu não dou confiança. Prefiro nem ligar para esse negócio. Se eu ficar remoendo.

H: Quem diz, aqui na escola?

M: Na escola.

S: Porque eles acham que um garoto, fica com uma garota, amigo, eles acham que o garoto é *gay*. Porque ele devia ficar com os meninos só, jogar futebol, essas coisas assim.

M: Eu nunca joguei futebol.

B: (?) porque o bonito aqui é o garoto ficar cheio de garota. Se não, é porque é *gay*.

M: Por exemplo, eu tinha algumas amigas da turma que era a Leandra, a Carla, a Ana Cristina e a (?). As únicas que moravam onde eu morava. Eram praticamente as minhas vizinhas. Então, eu comecei a andar com elas, peguei amizade com elas. O pessoal começou a reclamar, falar isso, aquilo.

H: O que as pessoas falavam?

M: Falava assim, te chamava de *gay*. Mas eu nunca dei confiança, não. Aí depois, a Leandra arrumou um namorado. Aí o irmão do namorado dela também achava isso de mim. Aí contou umas histórias para a Leandra. Aí a Carla, Ana Cristina falaram que eu cuspi na cara de mulher, que eu gostava de homem, que eu botava o nome de mulher na macumba, para sumir da vida dos

homens. Aí elas começaram também a fazer essas gracinhas, aí eu parei de falar com elas. Porque eu acho que, elas não me conhecem, eu nunca falei com elas: “aquele homem é bonito”. Eu nunca falei nada que elas pudessem dizer “você é gay”. Se elas que eram minhas amigas, andavam comigo, falavam isso, imagina o que os outros não iam falar! Daí eu comecei a andar com a Beyoncé, a Selena e a Fátima, que são as garotas que estão aqui. Aí o pessoal também começou a falar. Agora se eu tivesse namorando com a Selena, dando uns beijos na Beyoncé, dando uns pega na Fátima, iam me achar o machão da escola!

S: É.

M: Apesar que elas nunca me deram essa oportunidade, mas...

[risadas]

B: A [Flávia] fugiu antes.

M: A [Flávia] já foi cortada da lista.

[fálas]

M: Aí, entendeu, o que vão falar de mim. Minha mãe acha também, que se eu andasse com eles, “você não é veado, para andar com esses veados!” Aí quando minha mãe falou aquilo, apesar de que depois ela veio pedir desculpas, que não era aquilo. Mas aquela dor no coração, *poxa*, sua mãe falar isso para você. Aí eu parei de andar com eles. E apareceram várias histórias sobre eles. Apareceu um que era pai... Um até foi chamado de estupro, porque uma menina que gostava, uma garotinha que era muito apegada a ele. O pai dela morreu, então ela se apegou muito a ele, aí depois ele estuprava ela. Ele é padrinho dela, ela ama ele assim. Ele é como se fosse o pai dela. Ele até chama ela, fala que ela é como se fosse a filha dele.

H: *E o que vocês acham sobre homossexualidade, gay, lésbica?*

B: Eu acho que cada um tem o direito de fazer o que quer da vida. Não concordo, mas também não julgo.

M: Muitas pessoas acham que nasceu homem é para ser homem. A lei natural da vida é os filhos enterrarem os pais. Já tem casos que os pais enterram os filhos. Então os homens, homem gostar de homem, mulher gostar de mulher, as pessoas não estão acostumadas. Porque na época era muito rigoroso. Antigamente era muito rigoroso. Mas é mais normal ver lésbica. As pessoas até brincam. Acham normal. Agora ver homem beijando homem, as pessoas jogam pedra, batem. Eu não falo não, porque dizem que se falar muito, chama muito a pessoa, você acaba pagando sua língua. E eu não sei se um dia um filho meu nascer homossexual o que eu faço. Eu sei que matar ele eu não vou matar, não vou bater nele, não vou fazer nada. Essas aulas que a gente falou no começo, sobre *homosex...*, sobre sexualidade. A professora explicou que a pessoa já nasce homossexual, a pessoa não vira homossexual porque quer. Ela já nasce homossexual. Não importa. Ela pode transar com milhares de mulheres. O homem, se for homossexual, gostar de homem, ele pode transar com mulher, vai ser bom para ele, mas nunca vai ser tão bom transar quanto com homem. E para a mulher também, nunca vai ser tão bom transar quanto ela transar com uma mulher.

H: *Então vocês acham que a pessoa já nasce assim?*

B: Eu acho que sim.

M: Eu acho que já nasce com isso. Esse negócio de que é macumba, é negócio de demônio é palhaçada. Eu acredito muito em Deus, sou devoto da Nossa Senhora da Aparecida. Rezo muito para ela, apesar que eu estou devendo algumas velas para ela, mas eu vou pagar ela. Eu pedi muita coisa para ela, ela fez. Eu fiz uma promessa para ela, para ver a cantora que eu gostava. Pedi a ela, implorei para eu ver a Mariah, pelo menos eu ver ela. Aí eu consegui ver ela. Tiramos fotos e tudo mais. Aí foi bom para mim.

H: *Então vocês acham que a homossexualidade entre mulheres é mais aceita que entre homens?*

M: É.

S: Eu acho que sim.

M: Por exemplo, uma grande cantora dos últimos tempos, que acho que era uma das maiores vozes femininas da MPB, Cássia Eller, ela era homossexual. Ela morava com uma mulher e o filho dela. E para todo mundo isso era normal. Muitas cantoras, como Simone, e atrizes também são. Às vezes tem aquela pessoa que você acha que não é, acaba sendo. A sociedade acha normal, agora homem com homem as pessoas já não acham normal.

H: *E vocês, acham normal mulher com mulher?*

B: Eu não acho normal.

M: Como eu disse no começo, que eu não sou machista, eu acho que a pessoa sabe o que ela quer. Se ela gosta de homem, o problema é dela. Agora eu não vou aceitar que nenhum homem me cante, porque aí eu vou achar...

S: Eu já fui cantada por uma mulher.

M: Como foi?

- S: É, normal. Ela me cantou, aí eu não liguei, peguei e fui embora.
H: *E você se sentiu como? Se sentiu mal por causa disso ou não?*
S: Senti mal. É diferente.
M: Mas se fosse um homem, mesmo que fosse feio, a Selena já ia amar.
H: *Então vocês se sentiu diferente do que se fosse um homem te cantando?*
S: Ah.
H: *E você falou alguma coisa para ela?*
S: Não. Eu fui embora direto, fingi que eu não tinha escutado.
H: *Foi onde isso?*
S: Onde eu moro mesmo.
[*vira a fita*]
M: O normal é homem gostar de mulher e mulher gostar de homem, mas já que a vida é assim.
B: (?)
S: Eu não dei bola, não porque era uma mulher, porque se fosse um homem também eu não ia dar bola.
H: *Era uma pessoa mais velha também ou da tua idade?*
S: Acho que era mais velha, devia ter 30 anos, eu acho.
M: Eu gostava de uma garota lá onde eu moro, ela é, ela gosta de mulher. Mas ela não é bem declarada. Ela é simpática, não tem nada a ver. É muito “maneira”, é muito bacana. A gente conversa bastante com ela. Mas é mais difícil encontrar homem. Homem com homem ninguém aceita.
H: *E aqui na escola tem algum professor que fala sobre esse assunto com vocês?*
S: Tem, a Silvana. Ela fala.
H: *E ela falou quando?*
S: Quando ela estava dando a aula mesmo de sexualidade.
B: No começo do ano.
M: Ela falou bastante. Por isso que eu sei, que as pessoas já nascem com isso.
H: *E vocês gostaram dessas aulas sobre sexualidade?*
B: Eu gostei.
H: *vocês acham que podia ter alguma coisa diferente do que foi?*
S: Não.
M: Muitas coisas eu já sabia, mas tinha dúvidas, não tinha muita certeza. Eu não lembro muito bem quais eram minhas dúvidas, mas eu sei que ela tirou bastante dúvidas, muitas mesmo. Bastante.
H: *E vocês falaram que os pais de vocês não conversam sobre esses assuntos com vocês.*
T: Não.
H: *Então vocês já sabiam antes de vir para a escola algumas coisas sobre esse assunto ou vocês aprenderam aqui na escola?*
B: Eu sabia pela televisão, porque passa.
S: E pelas amizades também.
M: É, algumas amigas mais experientes conversam com a gente. Onde eu moro tem de tudo. Tem heteros, tem homossexuais. Tem um garoto lá, o nome dele é B. Ele é filho da amiga da minha mãe. E ela cisma, ela diz que ele é homem e gosta de mulher. Mas ele já me afirmou que ele não gosta. Eu vejo meus amigos, eles expulsam ele de lá, ou não dão força para ele ficar não. Eu não acho que isso é certo, mas eu não sou machista. Mas se ele gosta, eu não posso fazer nada. Mas eu não posso ajudar, ficar do lado dele, defender ele. Ele que tem que se auto-defender. “Eu gosto e é assim mesmo, ninguém vai se meter na minha vida.” (?)
H: *Então o que vocês acham que vocês aprenderam de diferente aqui na escola em relação ao que vocês aprenderam na televisão e com os amigos?*
S: Aqui foi mais específico. Na televisão não.
M: Lá é apenas comerciais rápidos.
H: *Sobre o que a televisão fala desses assuntos?*
S: Sobre as doenças e camisinhas, acho que é só.
M: Acho que ela deu mais informação às meninas, porque as meninas têm que se prevenir mais. (?) O homem não tem muito o que falar. A mulher já tem mais. A gravidez, a ovulação, período fértil, menstruação, essas coisas tudo. Deixa eu ver, puberdade, aparecimento de pêlos, lugares onde era careca, aparecimento de seios. Porque no começo é assim, tudo durinho, tudo olhando para o céu. Aí depois tem filho, tem isso, tem aquilo. Aí fica tudo matando barata.
S: Porque matando barata, eu não entendi?

M: Porque começa olhando para o céu, depois de um tempo começa matando barata. A barata vai lá e ele *plesh*.

S: [Risadas] Ai que horror.

B: Que maldade.

H: *E vocês depois que aprenderam essas coisas aqui na escola, contaram alguma coisa para as mães ou os pais de vocês?*

S: Não.

M: Eu não.

B: Eu só comentei que eu estava tendo essas aulas.

M: Eu não falei nada com minha mãe, não. Falei muito com meu irmão.

B: Eu também.

M: Meu irmão é assim meio rude. E converso com meus amigos.

H: *Você comentou com sua mãe.*

B: Eu só comentei sobre as aulas. Ela comentou que era bom, mas acabou a conversa por aí mesmo.

H: *Não entraram em maiores detalhes?*

B: Não. Eu reparo que ela não gosta. Acho que ela sente vergonha de conversar comigo. Eu acho também que eu não iria me sentir à vontade de conversar com ela.

M: Às vezes fica mais à vontade de conversar com um amigo, um primo.

B: Porque eles estão passando a mesma coisa que a gente.

M: As garotas, quando elas perdem a virgindade, elas não contam primeiro para a mãe. A maioria conta para uma vizinha, para uma amiga. Depois que o mundo inteiro já soube, a mãe vai saber. As mães não conversam. Esse negócio, que tudo é maravilhoso, que não vai doer e na hora... Ou então fala coisas horríveis e a garota vai lá e experimenta e vê que não é nada daquilo. Às vezes vê que dói, aí depois já era. Depois que foi, foi. Aí quer botar a culpa dela na filha, mas na verdade a culpa era dela, por não ter conversado.

B: Minha mãe nunca conversou com a gente. Nem com a minha irmã. Mas a minha irmã tem 21 anos e ela ainda é virgem. Ela também nunca conversou com a minha mãe.

M: A tua irmã ainda é virgem?!

B: É.

S: A minha também.

B: E ela ainda procura o momento correto, acha que ainda não está na hora certa para poder tirar a virgindade e tudo mais.

M: Depende da garota, da cabeça dela.

H: *E ela aprendeu sobre isso na escola também?*

B: Ela aprendeu. Ela sabe bastante. Eu converso com ela também.

M: Eu acho que as pessoas, geralmente aprendem, agora é mais fácil. Agora até virgem sabe bastante coisa. Porque não tem aquela proibição. Tem, é proibido para menores de 18 anos. E gente de 9 anos vê uma revista de uma mulher nua, uma revista que tem esse negócio de sexo, revista pornô. Às vezes colocam no ar filmes pornô.

H: *E vocês lêem revistas também?*

M: Eu leio muita revista.

H: *Que tipo de revista?*

M: Revistas Veja, tem vezes que tem alguma matéria falando sobre isso. Revista da MTV também tem muito, fala muito. Praticamente de duas em duas revistas uma tem alguma informação. Sobre negócio de prevenções. Eu me informo mais pela televisão. E aqui na escola.

H: *Vocês também?*

B: Bem, no momento eu não estou lendo nenhuma revista. Mas eu já li.

M: Minha avó sempre falava. Minha avó era da roça, sempre trabalhou lá, então minha avó não sabia nem ler, nem escrever. Mas uma coisa que ela falou sempre para nós, minha avó, não, minha bisavó. Para todos os netos sempre lerem uma revista, ler jornal. Minha avó tinha aquele conhecimento porque ela sabia de boca em boca. Ela sempre conversou com as filhas dela, mas não minha mãe. Nunca tratou desses assuntos bem, sempre falou por alto. Foi saber depois. Duas das minhas tias ficaram grávidas e minha avó não sabia. Quatro meses de gravidez e minha avó não sabia. Os vizinhos que contavam. Ela sabia muito pouco, que era da roça e não sabia muita coisa. E aí, ela falava um pouco assim.

H: *E tem algum outro professor, além da Silvana, que tenha falado alguma vez sobre esses assuntos com vocês?*

M: Tem o professor, como é mesmo o nome dele, de História.

SB: Sílvio?

M: Sílvio. Muita gente diz que ele é homossexual. Mas eu acho que ele é muito bacana, muito bacana. Eu gosto muito dele mesmo. Se ele for homossexual ou não, o problema é dele. Ele é muito extrovertido, conversa muito com a gente. E ele fala muito, não fala muito, mas fala alguma coisa. Mas quando algumas pessoas perguntam se ele tem namorada, ele já entra em outros assuntos. A galera começa a desconfiar. A professora de Português, a [Eliane], ano passado falou alguma coisa comigo.

H: *Você lembra o que ela falou?*

M: Ela conversou com algumas garotas e comigo também. Sobre virgindade, ela estava falando da filha dela, que ela ainda era virgem, que ela conversa muito com a filha dela. E eu achei isso muito bacana. Ela conversou com as meninas na turma. Se a filha dela perder a virgindade, para ela vai ser... Não sei qual vai ser a reação dela, mas ela conversa muito com filha dela. Ela falou que a filha dela tem um pouco de timidez de falar com ela. No começo ela tinha, mas agora está um pouco mais aberta.

Aí eu tenho uma irmã. Minha irmã não fala comigo, durante um ano a gente se falou, aí um dia nós paramos de falar e até hoje não nos falamos. Eu tenho a maior vontade falar com ela, mas é aquela vergonha de chegar em cima e falar com ela e ela me dar aquele fora. Ela não foi criada pelo meu pai, ela tem aquele negócio. Meu pai não fala com ela. Até tenta falar com ela, mas ela estava com namorado, aí ela parou em frente ao meu pai e ficou com uma certa vergonha. Ficou querendo se esconder em algum lugar, mas não tinha onde. Aí ele pegou até o ônibus que não era para ele pegar, pegou só para sair dali e não deixar ela constrangida.

H: *E se eu fizer uma pergunta assim: qual é a diferença entre garotos e garotas ou homens e mulheres?*

M: Ah, muitas diferenças.

S: Físicas?

H: *É pode ser físicas, pode ser diferença de jeito de ser...*

M: As meninas são mais travadas, esse negócio de falar. A gente já fala, ah, transei com ela, com aquela, com essa.

H: *As meninas são mais travadas?*

B: A menina quando quer saber alguma coisa fala sempre para a melhor amiga. Tem vergonha. Os meninos não, para qualquer pessoa.

M: Os meninos, não. É questão de orgulho. Os meninos já não é muito.

S: Tem vergonha.

H: *De falar sobre esse assunto de sexo, que vocês estão dizendo, ou qualquer assunto?*

B: Principalmente sobre sexo.

M: A característica marcante das meninas é que elas são mais vaidosas. Se cuidam bastante. Já os meninos, não. São bem relaxados. Como eu, eu me acho bem relaxado. (?)

H: *Que outras diferenças?*

M: Eu não sei. Os órgãos genitais são diferentes.

[risadas]

H: *Mas em termos de comportamento, de jeito de ser? [silêncio] Vocês acham que os meninos falam mais do que as meninas?*

B: Não.

M: Depende, sobre masturbação, os meninos falam, conversam. Agora se a menina se masturbar, ela não conta para ninguém. Às vezes ela até mente, fala que não se masturba. Às vezes você vê na cara dela que ela se masturba, mas ela jura que não se masturba.

H: *E como você vê na cara dela que ela se masturba?*

M: Não sei o que lá, e da aquela risadinha, sabe? Diz não.

B: Tenta mudar de conversa rápido.

M: Tem duas que eu conheço que já me deram alguma suspeita, que se tocaram.

[risadas]

H: *E o que vocês acham sobre isso?*

M: Todo o menino se masturba. Eu não me masturbo: é mentira. Todo menino se masturba e conta para o outro. Se ele pegar uma garota, ele conta. Conta para todo mundo. Agora uma garota, ela conta para a melhor amiga. Para a mãe ela não conta. Conta para amiga como foi. É mais romântica. Lembra. Uma coisa que menina faz e menino não faz. A maioria dos meninos não lembram quando começou o relacionamento. As meninas lembram data, hora, minuto, lembram tudo.

S: É. Movimentos.

M: As meninas têm agenda, escrevem na agenda. Agora os meninos não.

B: O diário.

M: O diário das meninas tem aqueles segredinhos, com as gafes que elas cometem.

H: *Mas olha só, vocês falaram que os meninos gostam de falar mais sobre esse assunto de sexo. É isso?*

S: Acho que é.

H: *Agora uma outra pergunta. Eu convidei todo mundo da turma para fazer entrevista e mais meninas do que meninos vieram fazer entrevista. Por que vocês acham que isso aconteceu?*

M: Eu não sei. Eu acho que os meninos falam para os amigos. Eu acho que menina tem mais liberdade com uma mulher assim. As meninas vão ter mais liberdade de conversar com você. Em particular elas conversariam tudo, até segredos elas contariam. Mas os meninos, eles têm vergonha de conversar. Se fosse um homem entrevistando, eu acho que... Antigamente quando tinha psicólogo aqui, eu ia sempre. Enchia. As meninas também iam bastante. A maioria era as meninas. As meninas sempre prevaleceram. Eles são tímidos para falar com uma mulher de algum assunto. Agora para o homem é motivo de orgulho, eles falam mesmo. A gente abre a boca e fala tudo que a gente sabe. Tudo que a gente fez.

B: Até inventa!

M: É, até inventa. O objeto de desejo do homem é o tamanho do pênis. Aí mente, diz que tem... Eu não minto muito não, falo a verdade. Nem falo, já mostro e aí que tirem suas conclusões! [Risadas]

H: *E a menina mente também?*

B: A menina acho que diminui.

M: As meninas têm vergonha de ter peito grande. Aí depois quando crescem têm vergonha de ter peito pequeno.

H: *Então as meninas mentem para menos. Por exemplo, você falou que os meninos mentem que ficaram com um monte de garotas, que não são mais virgens, que...*

M: Se um homem transar com todo mundo, todo mundo acha que ele é um machão. Agora se a garota transar com um e com outro, aí já é motivo de boato, *nequinho* mete mais, diz que é isso que é aquilo. Inventa histórias. As meninas são mais presas. O programa Você Decide, mostrou um caso que o pai deixava o filho deixar as namoradas dormirem na casa dele, dormir em casa, transar com elas lá me a menina, ele não deixava. Tinha aquela regalia, não deixava. Aí ficou aquilo, você acha que ele deve deixar ela levar o namorado para casa ou não? E a maioria votou em sim. E aí no final ela levou o namorado para casa também.

B: A maioria vota em sim, mas na verdade não é isso que faz.

M: A mãe quer ver, tem aquela coisa que toda a menina é igual. Aí transa com um, não é por amor. Aí as pessoas vêem (?) Agora a menina, se ela chegar nele, chamar 10 para o mato e todo mundo vai. Aí tem aquele negócio. Minha mãe reclama mais. (?)

H: *E olha só, vocês conhecem alguém que tenha tido Aids, ou tem Aids?*

M: Eu conheci uma pessoa, já era adulta. E ela morreu de Aids. Minha vizinha, vizinha mesmo. Morava do ladinho da minha casa.

H: *Era mulher ou homem?*

M: Uma mulher. E uma suspeita de uma ex-namorada do meu irmão. Falaram que estava com Aids, na mesma hora meu irmão foi fazer o exame. Graças a Deus ele não estava com Aids. Ela também não. Mas teve aquele boato, até hoje o pessoal acha que ela está com Aids. Mas ela diz que não. Único caso de Aids. Na minha família até hoje nenhum.

H: *E vocês conhecem alguém?*

S: Eu já li nos livros, mas eu não conheço ninguém, não.

H: *E vocês conhecem alguém que tenha tido alguma outra doença sexualmente transmissível?*

M: Eu conheço. Essa garota que eu comentei que a mãe dela colocou ela para fora, ela estava com, não sei, gonorréia, acho que ela estava. Um negócio assim. Ela pegou de um garoto. Mas ela se tratou e agora está melhor. Aí agora que ela quer usar camisinha e tal. Eu falei: "se você tivesse usado antes, não precisaria se tratar assim desse jeito."

H: *E garotas grávidas, vocês conhecem, têm amigas? Ou alguma garota que tenha ficado grávida?*

M: Eu conheço.

B: Da nossa idade?

H: É.

B: Da nossa idade eu não conheço.

M: Minha prima ficou grávida.

S: Tinha uma garota aqui da escola que ficou grávida. Ela saiu da escola.

H: *E vocês acham que a gravidez interfere na vida da garota?*

M: Depende da idade.

S: Interfere, ela tem que parar de estudar.

M: Não, interfere sim. De alguma forma. Porque daí ela não pode trabalhar, não tem quem a sustente. E quando ela está fazendo sexo, não pensa nisso. Aí não pode vir para a escola. O pai não assume.

H: E na vida do garoto interfere se a namorada fica grávida?

B: Eu acho que interfere, depende da consciência de cada um.

M: Eu acho que não interfere, na vida dele não interfere, porque a maioria não assume. Eu acho que se ele foi homem para transar com ela, ele deveria ser homem para assumir também. Mas nem todo mundo pensa isso. Aí a mãe fala, “ah, não é seu filho”, o pai fala “ah, não é seu filho” e acaba não assumindo a criança. Aí ela vem falar alguma coisa, é isso e aquilo.

H: E algum de vocês já participou alguma vez do Núcleo de Adolescentes?

BMS: Não.

H: E por que vocês não quiseram nunca participar?

S: Era cedo, eu não gosto de acordar cedo.

M: É cedo e eu moro em Botafogo, aí até vir ao Jr. Botânico, leva uns 25 minutos, de 20 a 25 minutos para chegar até aqui. Tem que acordar cedo. Eu não gosto de acordar cedo. Por isso que eu passei para de tarde, se não faltava muito quando eu estudava de manhã. Sempre me recuperava no final do ano. Eu nunca fui de estudar para fazer prova. Já guardava tudo na minha cabeça. Sempre tirava 10 na prova.

H: E você, Beyoncé?

B: Eu nunca me interessei em saber como é o Núcleo e tudo mais. Não sei.

H: E vocês acham que o pessoal que participa do Núcleo é diferente de quem não participa?

M: Eu acho que tem um pouco mais de formação.

B: É.

H: Mas em termos de relacionamento entre os colegas?

S: Não, não tem diferença, não.

M: De relacionamento não tem não. Mas tem alguns que vão mesmo interessados em participar, que têm grandes conhecimentos, que o resto da turma não tem. Pega mais informações. A maioria não tem muita diferença, não.

H: E algum aluno que participam do Núcleo já conversou com vocês sobre algum tema que eles trabalharam no Núcleo?

B: Geralmente quando eles trazem assim um tema, eles vêm conversar com a gente.

M: Eles fazem apresentação para a gente.

H: Vocês lembram de algum assunto que eles tenham falado?

S: Do fumo.

B: É, do cigarro.

M: Eles fizeram uma programação, com (?) na escola. E a passeata da dengue. Da droga, fizeram bastante coisa. Aí eles falaram bastante sobre o que o fumo causa na gente. Eu nunca tive vontade de beber, beber bebidas alcoólicas e nem fumar. E nem quero.

H: Mas e individualmente, algum aluno chega, ou o João, para conversar com vocês?

M: Não. Para mim não.

B: Não. Ele só comenta mesmo quando a professora pede assim. Normalmente ele não comenta. Só quando tem alguma coisa diferente, que ele gosta, aí ele até comenta. Mas por alto, não explica direito.

M: (?) de entrar bastante no assunto e começar a falar tudo sobre aquilo. Mas só falam por alto e está bom. Se quiser procurar, dar palestra. E só.

H: Vou só fazer umas perguntas meio rápidas, que é só para ter um quadro sociológico assim. Vocês já falaram onde vocês moram e tal. Vocês sabem a profissão dos pais de vocês?

S: Minha mãe é passadeira.

M: Minha mãe já trabalhou, não sei. Minha mãe agora parou de trabalhar. O emprego faliu lá onde ela trabalhava. O título dela é de balconista. Ela trabalhava em um restaurante de balconista. Mas ela já trabalhou de empregada doméstica, muita coisa. Já meu pai é cobrador de ônibus. Meu pai já trabalhou na farmácia, de entregador. Só esses que eu lembro. Meu irmão é ciclista.

B: Minha mãe é várias coisas, mas entre elas, minha mãe é telefonista. Sendo que agora ela está desempregada.

M: Minha mãe, se puder alguma coisa para ela, ela é cozinheira. Minha mãe é ótima cozinheira. Coisa que ela não é muito boa é doces. Minha mãe faz uns salgados, um empadão. Muita comida

B: Minha mãe é ao contrário, não sabe fazer salgados.

M: Já a avó do meu irmão faz muito bem doces. Aí no Natal elas juntam, aí da aquela mesa enorme. Apesar de que agora elas pararam de se falar.

H: E vocês sabem quanto os pais de vocês ganham?

S: Minha mãe ganha 50 reais em um dia. 50 não, acho que é 60.

H: *E ela trabalha todos os dias?*

S: Não, ela trabalha 3 dias na semana e tem dias que ela trabalha só 2.

M: Minha mãe ganhava 280, aí ela parou de trabalhar. O patrão ficou de pagar ela, mas pagou uma parcela já. Porque ela trabalhou lá mais de um ano, 18 meses que ela trabalhou lá. Aí pagou uma parcela, ano que vem vai pagar outra. Meu irmão recebe, deixa eu ver, acho que 250. Um primo meu que mora na minha casa recebe 200 reais da pensão e eu recebo 100 reais de pensão do meu pai. Foi um acordo que ele e minha mãe fizeram. Para não ir para a justiça, se não ele teria que pagar um salário. Eu preferia que ele pagasse um salário, mas como eles fizeram um acordo, foi melhor. Se não, ia ter briga. E recebe da minha tia também. São 450 agora no momento. Bom, são 550 tudo. Acho que vai receber por aí um 13°, bastante. Minha mãe vai receber 400, meu irmão vai receber 400, talvez minha irmã vai receber 500. Com 400 são 900 reais e mais 100 meu, que meu pai vai me pagar, que ele não pagou mês passado, vai ser 200, 1100. Por aí.

B: Na minha casa eu só sei quanto a minha irmã recebe, que é 350. E ela trabalha como secretária de uma clínica dentária.

M: Eu estou doido para começar a trabalhar, para ter meu dinheiro.

B: Eu também.

H: *Vocês querem começar a trabalhar quando?*

BS: Agora!

M: Eu queria trabalhar sabe em que? Em loja de CD.

H: *E o que vocês planejam para o futuro?*

M: Eu queria ser um cantor, mas eu não tenho muita voz para cantar não. Se não queria ser compositor. Eu sempre fiz versões de música, mas nunca cheguei a escrever não. Eu pedi para minha mãe, talvez ela me dê um gravador, para eu poder cantar assim. Aí eu escrevia. Porque você pensando e escrevendo é difícil. Porque você pensa. Faz o que? Até você escrever já está pensando outra. Aí é melhor cantado, do que você escrevendo.

H: *E vocês?*

S: Eu quero ser psicóloga.

B: Eu quero ser cantora também.

M: Eu quero fazer faculdade de inglês, de informática. Ou curso de inglês e informática e faculdade de música ou comunicação.

H: *E vocês pretendem casar, não casar? Ter filhos, não ter filhos?*

B: Eu pretendo casar, ter filhos.

H: *O que você falou?*

S: Eu pretendo ter uma família.

M: Eu queria que minha primeira filha que nascesse fosse uma menina. Logo o primeiro filho fosse uma menina para realizar o sonho da minha mãe. Que ela quer ter uma neta, então...

H: *Mas você quer casar também?*

M: Eu queria casar sim.

H: *E quantos filhos vocês querem ter?*

S: Eu quero ter dois.

M: Quantos Deus der.

S: Mais que dois não.

M: Acho que uns dois também. Um casal.

H: *E você?*

B: Eu acho que no máximo quatro.

H: *Bom, eu acho que era mais ou menos isso. Tem mais alguma coisa que vocês queiram comentar sobre esses assuntos que a gente falou?*

M: Eu só queria comentar, para gravar para sempre. [?] ver a minha diva, a cantora que eu gosto. Ver a Mariah Kerry, que veio ao Brasil. Veio no dia 2 de dezembro, ou seja segunda-feira. Ela veio ao Brasil, fazer um mini-show ao Fantástico, da Rede Globo e uma participação no show da virada. Aí foi eu e minhas amigas e nós tiramos muitas fotos. Foi emocionado, eu não acreditava, parecia que era mentira aquilo. Ela parece uma boneca muito linda.

H: *E olha só, quando vocês pensam em ter um namorado ou uma namorada, que tipo de relação vocês gostariam de ter ou que tipo de namorado vocês gostariam de ter?*

S: Fiel.

M: Eu queria uma esposa. Queria que minha filha fosse morena, aquela morena linda. Negra. Queria que minha filha fosse aquelas negras lindas que tem por aí, para mostrar que eu não sou racista. Eu não queria ter filhos brancos, louros. Eu queria que meus filhos nascessem bem bonitos. Como o pai. (risadas).

S: E você?

B: Eu também. Só penso que fosse duradouro. Que eu possa me lembrar, ter boas recordações do relacionamento. Se for para sempre, melhor ainda.

M: (?) Nunca me apaixonei por ninguém não. Até hoje não. Mas é ruim, solidão. Dá vontade de dar um beijo na boca. Ninguém para você namorar. Mas era isso que eu queria falar. Gostaria de agradecer a todos vocês, por participarem comigo dessa entrevista.